

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CAMPUS FREDERICO WESTPHALEN
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
JORNALISMO: BACHARELADO

BÁRBARA LINHARES DIRKSEN

**JORNALISMO DE SUBJETIVIDADE EM PODCASTS NARRATIVOS:
UMA ANÁLISE DO PRAIA DOS OSSOS**

Frederico Westphalen, RS

2023

BÁRBARA LINHARES DIRKSEN

**JORNALISMO DE SUBJETIVIDADE EM PODCASTS
NARRATIVOS: UMA ANÁLISE DO PRAIA DOS OSSOS**

Trabalho de Conclusão de Curso II
apresentado ao Curso de Jornalismo:
Bacharelado, do Departamento de Ciências da
Comunicação da Universidade Federal de
Santa Maria, Campus Frederico Westphalen.

Orientadora: Profa. Dra. Mirian Redin de Quadros

Frederico Westphalen, RS
2023

Bárbara Linhares Dirksen

**JORNALISMO DE SUBJETIVIDADE EM PODCASTS NARRATIVOS:
UMA ANÁLISE DO PRAIA DOS OSSOS**

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado
ao Curso de Jornalismo: Bacharelado, do
Departamento de Ciências da Comunicação da
Universidade Federal de Santa Maria, Campus
Frederico Westphalen.

Aprovada em 25 de janeiro de 2023

Mirian Redin de Quadros, Dra. (UFSM)
(Orientadora)

Reges Toni Schwaab, Dr. (UFSM)

Luana Viana, Dra. (UFOP)

Frederico Westphalen, RS
2023

AGRADECIMENTOS

Passei os quatro anos da graduação esperando pelo momento que agradeceria as pessoas da minha vida, nessa página tão importante deste trabalho que encerra um ciclo. Cada um sabe a importância que teve na minha trajetória acadêmica e algumas dessas pessoas precisam estar registradas aqui.

Aos meus pais, Lourdes Conceição dos Santos Linhares e Márcio Dirksen, que nunca mediram esforços para me ver realizando sonhos. O incentivo a gostar da comunicação partiu de vocês, que sempre me presentearam com livros na infância e adolescência. Nós sabemos os desafios que esse período tão longe de casa nos proporcionou, mas vocês não cortaram as minhas asas quando decidi sair e acreditaram em mim. Eu os amo incondicionalmente.

A minha avó, Maria de Fátima dos Santos Linhares (*in memoriam*), por ter sido meu porto seguro e abrigo. Mesmo com a E.L.A, sempre me esperava voltar para Rio do Sul com o sorriso mais alegre do mundo e piscando os olhos do jeito que eu sabia que você queria dizer “eu te amo”. Sonhei com o dia que entraria em seu quarto com o diploma em mãos, mas infelizmente o tempo nos roubou esse momento. Espero estar te orgulhando, onde quer que você esteja.

A minha namorada, Fernanda Rodrigues, que esteve ao meu lado nos meus melhores e piores dias. Seu abraço foi casa de sossego para o meu coração ansioso e inseguro. Amor para mim é a paz de saber que você existe. Nada até aqui seria a mesma coisa, sem você. Obrigada por dividir a vida comigo. Eu te amo pernambucana, com todo o meu coração.

Aos amigos: Lavínia Machado, minha dupla e irmã de vida. Nossas diferenças são o que nos une e eu não poderia ter pessoa melhor para dividir essa montanha russa de acontecimentos chamada graduação. Renata Dornelles, outra irmã de vida. Sempre disponível com um brigadeiro, karaokê na sala e ouvidos atentos. Marcos Pellegatti, por dividir a rotina, os perrengues e os bons momentos de casa e da graduação. Lais Parnow, por ter tornado o 201 o melhor lar que eu poderia ter tido quando cheguei em Frederico Westphalen. Aos demais amigos do RS e de SC, cada um sabe a parcela que teve nessa jornada e que os guardo em meu coração. Levarei todos sempre comigo.

A Franciele da Silva, profissional de psicologia que me acompanha desde 2021 e que me fortaleceu em todos os momentos de angústia e ansiedade.

A Mirian Redin de Quadros, orientadora e professora, que me ajudou a trilhar essa caminhada. Minha inspiração para o rádio. Obrigada pela disponibilidade e compreensão em cada orientação e conversa.

A umbanda, em especial a Iansã e Ogum, que jamais me abandonaram. Suas forças e proteções compõem parte de mim, sei que sempre estou em boa companhia.

E por último mas não menos importante, a mim. Por não ter desistido, por ter tentado e por seguir em frente, mesmo nas horas difíceis. As perdas, renúncias e o cotidiano me exigiram muito, e por mais que eu tivesse uma rede de apoio, no fim do dia, sou eu por eu mesma. Obrigada Bárbara de 2019, você conseguiu.

“Você merece o melhor, o melhor. Porque você é uma das poucas pessoas neste mundo ruim que é honesta consigo mesma, e isso é a única coisa que realmente conta.”

Frida Kahlo

RESUMO

JORNALISMO DE SUBJETIVIDADE EM PODCASTS NARRATIVOS: UMA ANÁLISE DO PRAIA DOS OSSOS

Autora: Bárbara Linhares Dirksen
Orientadora: Mirian Redin de Quadros

Esta pesquisa apresenta um estudo sobre narrativas jornalísticas e subjetividade em *podcast* jornalístico narrativo. Como objeto de pesquisa, analisamos o *podcast Praia dos Ossos*, idealizado e apresentado por Branca Vianna, e distribuído pela produtora *Rádio Novelo*. O *podcast* conta com oito episódios que foram lançados semanalmente entre setembro e outubro de 2020. O *Praia dos Ossos* reconta o assassinato de Ângela Diniz pelo seu namorado Doca Street e o desdobramento do caso. O crime ocorreu no dia 30 de dezembro de 1976, na *Praia dos Ossos*, localizada em Búzios, Rio de Janeiro. O objetivo do presente trabalho é analisar a presença e as manifestações de subjetividade da narradora no *podcast*. A primeira etapa desta pesquisa buscou a compreensão das narrativas jornalísticas e de como elas organizam os fatos, as características do narrador e os traços de subjetividade do mesmo. Em seguida, percorremos a história do *podcast*, modo de consumo e seus formatos, com foco em *podcasts* narrativos. No terceiro capítulo foi apresentado o *podcast Praia dos Ossos* como objeto de pesquisa, e abordado o percurso metodológico, que se ancorou no método de Análise de Conteúdo, a partir de Bardin (1977), para categorizar as marcas de subjetividade de Branca Vianna, introduzidas nos episódios. Por último, apresentamos o capítulo de análise onde foi possível categorizar as unidades de registro encontradas nos episódios, em três categorias sendo elas “Rotina”, “Interação com o ouvinte” e “Opinativo” onde também foram escolhidos marcadores para dar sentido aos trechos.

Palavras-chave: Narrativa Jornalística; Narrador; Subjetividade; *Podcast*; *Praia dos Ossos*.

ABSTRACT

SUBJECTIVITY JOURNALISM IN NARRATIVE PODCASTS: AN ANALYSIS OF PRAIA DOS OSSOS

AUTHOR: Bárbara Linhares Dirksen
ADVISOR: Mirian Redin de Quadros

This research presents a study on journalistic narratives and subjectivity in narrative journalistic *podcasts*. As a research object, we analyzed the *podcast Praia dos Ossos*, idealized and presented by Branca Vianna, and distributed by the production company *Rádio Novelo*. The *podcast* has eight episodes that were released weekly between September and October of 2020. *Praia dos Ossos* retells the murder of Angela Diniz by her boyfriend Doca Street and the unfolding of the case. The crime occurred on December 30, 1976, at *Praia dos Ossos*, located in Búzios, Rio de Janeiro. The objective of this work is to analyze the presence and the manifestations of subjectivity of the narrator in the *podcast*. The first stage of this research sought to understand the journalistic narratives and how they organize the facts, the narrator's characteristics and the narrator's traces of subjectivity. Then, we went through the *podcast* history, consumption mode and its formats, focusing on narrative *podcasts*. In the third chapter we presented the *podcast Praia dos Ossos* as a research object, and approached the methodological path, which was anchored in the method of Content Analysis, from Bardin (1977), to categorize the marks of subjectivity of Branca Vianna, introduced in the episodes. Finally, we present the analysis chapter where it was possible to categorize the registration units found in the episodes into three categories: "Routine", "Interaction with the listener" and "Opinionated", where markers were also chosen to give meaning to the excerpts.

Keywords: Journalistic Narrative; Narrator; Subjectivity; *Podcast*; *Praia dos Ossos*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa do podcast “Praia dos Ossos”.

35

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Tipo/estrutura de podcasts	30
Quadro 2: Episódios que compõem o corpus de análise	38
Quadro 3: Marcadores utilizados na análise do corpus	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Marcas de subjetividade no episódio 1: O crime da Praia dos Ossos	42
Tabela 2: Marcas de subjetividade no episódio 3: Ângela	44
Tabela 3: Marcas de subjetividade no episódio 8: Rua Ângela Diniz	47
Tabela 4: Marcadores de subjetividade por episódio categoria “Rotina”	48
Tabela 5: Marcadores de subjetividade por episódio categoria “Interação com o ouvinte”	51
Tabela 6: Marcadores de subjetividade por episódio na categoria “Opinativo”	53

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. NARRATIVAS E SUBJETIVIDADE NO JORNALISMO	17
1.1 NARRATIVA JORNALÍSTICA	17
1.2 NARRADOR PERSONAGEM	19
1.3 SUBJETIVIDADE	22
2. COMPREENDENDO PODCAST: DO SURGIMENTO AOS FORMATOS	25
2.1 PODCAST	25
2.2 PODCAST NARRATIVO	31
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	35
3.1 OBJETO: O PODCAST PRAIA DOS OSSOS	35
3.2 ETAPAS DE ANÁLISE	37
4. ANÁLISE	41
4.1 EPISÓDIOS ANALISADOS	41
4.1.1 Episódio 1: O crime da Praia dos Ossos	41
4.1.2 Episódio 3: Ângela	43
4.1.3 Episódio 8: Rua Ângela Diniz	45
4.2 MARCAS DE SUBJETIVIDADE	48
4.2.1 Rotina	48
4.2.2 Interação com o ouvinte	50
4.2.3 Opinativo	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICE A - TABELA DE ANÁLISE - EP 1: O CRIME DA PRAIA DOS OSSOS	62
APÊNDICE B - TABELA DE ANÁLISE - EP 3: ÂNGELA	77
APÊNDICE C - TABELA DE ANÁLISE - EP 8: RUA ÂNGELA DINIZ	85

INTRODUÇÃO

Com o avanço das mídias digitais, o *podcast* se tornou um dos principais meios de transmissão de informação. De acordo com um estudo realizado pela *Globo* com a *Kantar Ibope Media*, realizado no final de 2021, o Brasil é o quinto no ranking mundial de crescimento na produção de *podcasts*. Essa pesquisa também apresenta que 57% dos brasileiros começaram a consumir *podcasts* na pandemia (HUERTAS, 2022). A praticidade de ouvir em qualquer ambiente e sem uma hora marcada, como acontece com os programas de rádio, conquistaram os mais diversos ouvintes. Tendo acesso a alguma plataforma de *streaming* escuta-se notícias, debates, entrevistas e/ou qualquer tipo de conteúdo que se deseja saber mais.

O rádio utiliza-se da contação de histórias desde a década de 1950, por meio de experiências pessoais que alimentavam a força dessa mídia sonora e mantinham o ouvinte. Atualmente, o *podcast* também se utiliza de histórias, revisitando as estratégias sonoras radiofônicas, nas suas produções narrativas. Porém, o que aproximou o ouvinte dos *podcasts* foi a relação com o narrador, estabelecida de uma forma íntima dos fones de ouvido, favorecendo para que ele possa acompanhar suas histórias favoritas, em qualquer lugar que esteja. “O uso de fones de ouvido para consumo dos *podcasts* apresenta-se como um impulsionador específico para estabelecer relações ainda mais íntimas com o ouvinte”. (VIANA, 2021b, p.10).

Essa relação que se estabelece entre narrador/jornalista e ouvinte, nos podcasts, abre espaço para que interpretações e opiniões sejam incorporadas ao relato dos fatos. O jornalismo de subjetividade, assim, permite ao profissional aliar o ritual estratégico da objetividade aos seus próprios pontos de vista, contribuindo para um jornalismo mais transparente. A objetividade no jornalismo é uma das características principais que os profissionais que produzem conteúdo noticioso precisam ter, para poder contar um fato. “[...] a objetividade jornalística é compreendida como a adequação fiel entre notícia e realidade, sendo que o relato de uma notícia seria a expressão exata da forma como ocorreu.” (DAVID, 2015, p. 03). Já a subjetividade, articulada em projetar um jornalismo mais humanizado, permite que o comunicador evidencie suas opiniões acerca do produto, de acordo com os dados apresentados e as suas vivências pessoais. “A subjetividade vai se manifestar tanto nas ousadias discursivas e na linguagem ornamentada como também na liberdade do jornalista que assume o seu lugar de autor(a) e de observador(a) participante da história.” (DAVID,

2015, p. 12). Em *podcasts*, por serem um material que necessariamente não acompanha o formato *daily news*, há uma possibilidade de escolha e produção para demais temáticas, fazendo com que o narrador possa exprimir suas opiniões.

A *Rádio Novelo*, uma produtora de *podcasts* do Rio do Janeiro, criada em 2019, desenvolve projetos próprios e em parceria. Uma de suas produções é o *podcast* intitulado “*Praia dos Ossos*”. Como idealizadora e apresentadora, a linguista e intérprete, Branca Vianna, narra o assassinato de Ângela Diniz, no dia 30 de dezembro de 1976, em Búzios, na *Praia dos Ossos*, pelo então namorado na época, Doca Street. O assassino foi réu confesso, porém, com o desenrolar dos fatos a vítima passou a ser vista como culpada de sua própria morte e o seu algoz tratado pela imprensa e demais públicos como um homem apaixonado, sendo autor de um crime passional.

A partir da narração de Branca Vianna, podemos observar a rotina de produção realizada por ela e as marcas de subjetividade, posicionamento e interpretações pessoais acerca dos fatos, que mesmo se tratando de um crime de 1976, se aproxima de crimes de gênero atuais e o cenário machista ainda presente na sociedade. De forma direta, ela deixa a sua interpretação dos acontecimentos de forma respeitosa e sempre com a evidência do que foi o consenso social a respeito do fato na época.

Branca Vianna nos mostra o que pretende alcançar e relatar com o *Praia dos Ossos*. Ela aciona as referências culturais que percebe ao longo de todo o seu trabalho de produção e continua fazendo uso de sua própria perspectiva a respeito do crime, o que podemos observar nesse trecho:

Quando o crime aconteceu, eu tinha só 14 anos. E eu não tinha, como aliás continuo não tendo, nenhum interesse especial por histórias policiais. E muito menos por coluna de fofoca. O crime ficou famoso porque as pessoas envolvidas eram de coluna social. Mas não foi isso que me chamou a atenção. Esse caso virou um divisor de águas na vida de muitas mulheres. E foi por isso que eu quis voltar a ele, mais de quarenta anos depois. Essa não é só uma história de coluna social. Mas não deixa de ser uma história sobre a imprensa. A história é também sobre o sistema judiciário brasileiro. Sobre como nasce uma mobilização. Sobre como as mulheres viviam e morriam neste país. E como elas continuam vivendo e morrendo. Essa é a história de uma mulher, da morte dela, e de tudo o que veio depois. Eu sou a Branca Vianna, e esse é o *Praia dos Ossos*. (NOVELO, 2020a, p. 3).

O *podcast Praia dos Ossos* reforça a importância de haver um debate sobre as questões sociais que envolvem os crimes de gênero e ainda demonstra o quanto um material jornalístico, sendo ele impresso, digital ou sonoro, exige responsabilidade e trabalho, com grandes rotinas produtivas.

A relevância do *Praia dos Ossos* é explicitada por um post no Instagram, feito pelo perfil da produtora *Rádio Novelo* no dia 23 de janeiro de 2021, onde exibe algumas críticas e avaliações feitas por meios de comunicação de referência, sendo eles Jornal Estado de Minas, Vogue Brasil, Glamour, Veja Rio, Folha de S.Paulo e Estadão. Neste post, a produtora também revela que também naquela data, alcançaram a marca de mais de 1 milhão de downloads.

A escolha de produzir um trabalho que fale sobre *podcast* e a subjetividade no jornalismo, a partir do “*Praia dos Ossos*”, vem da vontade de explorar um pouco mais sobre como esses objetos se entrelaçam de forma a construírem narrativas presentes em meu cotidiano. Os interesses profissionais dirigem-se, em sua maioria, a compreender como um material sonoro, o *podcast*, com suas raízes vindas do rádio, se perpetuou na sociedade, adentrando a rotina e contribuindo para novos formatos de comunicação.

Quanto ao jornalismo de subjetividade, o intuito é entender mais sobre essa prática ou modalidade, que vem sendo lentamente reconhecida e valorizada, mas ainda divide opiniões tanto no mercado quanto na academia. Nesse sentido, o *podcast Praia dos Ossos* é objeto de pesquisa rico para refletir acerca dos limites entre objetividade e subjetividade no jornalismo.

Para além disso, o estudo deste *podcast* nos permite dar continuidade a interesses pessoais sobre feminismo e feminicídio - ainda que estes não sejam tópicos que iremos abordar ou aprofundar teoricamente ou em nossa análise empírica. Branca Vianna fez com que eu me questionasse sobre tudo que li acerca desses temas durante anos e perceber o quanto ainda preciso evoluir e estudar.

A relevância dessa pesquisa para o campo da comunicação e do jornalismo se dá pelo moderado número de trabalhos realizados na área dos *podcasts*. A pesquisa do estado da arte, realizada junto aos anais do Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), no GT de Rádio e Mídia Sonora de 2017 a 2021, pode-se perceber o aumento do interesse sobre *podcasts*, apesar de ainda pouco expressivo em comparação com os estudos voltados a outras mídias. No ano de 2017, houve apenas dois trabalhos apresentados sobre esse tema. Em 2018, sete artigos foram publicados. No ano de 2019, foram oito pesquisas relacionadas. Em 2020, chegaram a treze. Ano passado, em 2021, houve queda, indo para sete trabalhos. Trinta e sete trabalhos ao todo foram apresentados sobre essa nova mídia nos últimos cinco anos.

Entre Os trabalhos que se destacam na construção desta pesquisa cito o “Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o *podcasting* e o conceito de jornalismo

narrativo”, de Marcelo Kischinevsky (2018), que busca investigar o papel do *podcast* para experiências imersivas do radiojornalismo narrativo. E os trabalhos da autora Luana Viana intitulados “O Uso do *Storytelling* no Radiojornalismo Narrativo: Um Debate Inicial para *Podcasting*” (2020) e “O Jornalismo em Primeira Pessoa em *Podcasts* Narrativos: Encontros e Tensões Deontológicos (2021b). No primeiro, a autora pretende evidenciar como a técnica do *storytelling* se enquadra na categoria de radiojornalismo narrativo, onde ela realiza uma análise do primeiro episódio da quarta temporada do Projeto Humanos, o *podcast* O Caso Evandro. Já o segundo título, tem por objetivo mapear onde os narradores se colocam dentro do relato.

Dessa forma, este trabalho parte do seguinte problema de pesquisa: como se manifesta a subjetividade do narrador em podcasts narrativos? Para entender esse problema, determinamos como objetivo geral analisar a presença e as manifestações de subjetividade do narrador em *podcasts* narrativos. Como objetivos específicos estabelecemos:

- Compreender a modalidade/prática chamada jornalismo de subjetividade
- Refletir sobre as características do *podcast* narrativo
- Identificar as marcas de subjetividade da intérprete Branca Vianna no *podcast Praia dos Ossos*, através das transcrições de roteiro onde essas falas estão presentes

O estudo foi realizado da análise dos episódios um, intitulado “O crime da Praia dos Ossos”; três, intitulado “Ângela”; e oito, intitulado “Rua Ângela Diniz”, que compõem a narrativa do *Praia dos Ossos*, por meio da escuta e leitura de suas transcrições. Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizado o método de Análise de Conteúdo com base em Bardin (1977).

Esta monografia apresenta quatro capítulos, além desta introdução. O primeiro discorre sobre narrativa jornalística, narrador personagem e jornalismo de subjetividade, explorando sobre como as narrativas jornalísticas organizam a sociedade, como o narrador se posiciona e como a subjetividade é importante dentro das narrativas jornalísticas. Como base, usamos os autores Motta (2004, 2005, 2013), Silva (2022), Moraes e Gouveia (2018) e Quadros (2018)

O segundo trata sobre *podcast* e sua história, características, definições e classificações e dados de audiência, a partir das pesquisas de Viana (2020, 2021a, 2021b), Viana e Chagas (2021) e Kischinevsky (2018).

O terceiro traz uma apresentação mais aprofundada do objeto empírico bem como o detalhamento do percurso metodológico, ancorado na Análise de Conteúdo conforme Bardin

(1977). Para alcançar os resultados desta pesquisa, iniciamos o percurso em uma primeira etapa através de uma audição exploratória para conhecimento do podcast; em segundo realizamos um mapeamento por meio das transcrições dos roteiros dos três episódios. Na terceira etapa categorizamos os trechos em três categorias que foram “Rotina”, “Interação com o ouvinte” e “Opinativo”; e na quarta e última etapa, sistematizamos e comparamos os dados obtidos nas etapas anteriores.

O quarto capítulo aborda a análise realizada a partir das transcrições de cada um dos episódios que foram categorizados e receberam marcadores para dar sentido aos trechos marcados. Após, são apresentados os resultados sintetizados dessa análise, por categoria, exemplificando os seus dados e inferências sobre eles, constatando que foi possível identificar as marcas de subjetividade da narradora, por meio da sistematização e categorização das unidades de registro, depositadas nas tabelas que continham seus respectivos marcadores.

1. NARRATIVAS E SUBJETIVIDADE NO JORNALISMO

Neste capítulo, abordaremos a perspectiva da narrativa para a compreensão do jornalismo, evidenciando que ela é capaz de organizar os fatos que compõem um acontecimento para que eles se tornem notícia. Em seguida, abordaremos o narrador, e a importância dele dentro da narrativa, sobre a forma que conduz os personagens e se torna um ao colocar sua subjetividade, termo esse que é o terceiro subcapítulo, onde pretendemos compreender o seu conceito e de como expressar suas opiniões sobre determinado fato, dentro da profissão jornalística, tem se tornado algo recorrente.

1.1 NARRATIVA JORNALÍSTICA

O jornalismo tem como um dos seus princípios básicos o de contar histórias se pautando pela verdade. Dessa forma, ele é visto pela sociedade como um instrumento para acessar a realidade, (d)escrevendo e organizando os fatos que compõem os acontecimentos, transformando-os em notícias. É pelo ordenamento e encadeamento dos fatos que Quadros (2018, p. 24) alega que “o jornalismo pode ser compreendido como uma narrativa capaz de organizar a realidade e orientar a vida em sociedade, a partir do que seleciona como relevante [...]”

Partindo dessa compreensão do jornalismo como narrativa, assumimos nesta pesquisa que a narratividade dos objetos jornalísticos não se prende exclusivamente ao texto, na parte de linguagem, mas ao contexto do qual ele está sendo produzido, o local, os procedimentos de dados, a apuração e quem o narra/produz:

A notícia como narrativa pode ser vista, então, como uma representação do mundo factual, em que o jornalista emprega sua própria “enciclopédia” a fim de enquadrá-lo no formato jornalístico (ALSINA, 2009). Esta enciclopédia corresponde à bagagem sociocultural do profissional, que orienta subjetivamente seu olhar, mas também envolve constrangimentos organizacionais, interesses editoriais do veículo, implicações da rotinização da redação, entre outros fatores decisivos no processo de produção da notícia. (QUADROS, 2018. p. 26).

Quadros (2018) explica que o jornalismo, enquanto narrativa, é responsável por organizar de forma prévia as nossas experiências e os acontecimentos cotidianos, podendo introduzir enredos prefigurados, tornando-os compreensíveis e aceitáveis.

A narrativa para Motta (2005) traduz o conhecimento objetivo e subjetivo do

mundo, desde a natureza física até os mitos e crenças humanas, em relatos. A partir dos enunciados narrativos conseguimos relacionar as coisas umas com as outras em uma ordem e entendimentos, em um desdobramento lógico e cronológico. É assim que somos capazes de compreender grande parte das coisas do mundo.

A narrativa é uma forma de dar significado às coisas. Dar significado às coisas, faz com que elas façam sentido por alguma particularidade íntima, conseqüentemente fazendo com que o contexto seja mais fácil de entender porque nos remeteu a algo. Nesse sentido a narrativa estabelece uma relação com quem narra e posteriormente com quem ouve/lê, por meio de trocas que envolvem desde interesses em comum a condições sociais.

[...] o significado é uma relação, não há significado sem algum tipo de troca. As narrativas são formas de relações que se estabelecem por causa da cultura, da convivência entre seres vivos com interesses, desejos, vontades e sob os constrangimentos e as condições sociais de hierarquia e de poder. (MOTTA, 2005, p.3).

Para o jornalismo, a narrativa é um meio pelo qual podemos entender o mundo à nossa volta porque é ele quem conta as histórias atuais, do presente. Pois, “diferentemente da história, a narrativa jornalística, ainda que utilize predominantemente o pretérito perfeito ou imperfeito em seu discurso, refere-se ao presente, ao momento contemporâneo”. (MOTTA, 2004, p. 23). O jornalismo como narrativa consegue transformar os fragmentos de uma história, ordenando os personagens e o narrador.

Pensando em narrativas jornalísticas para mídias sonoras, em específico para o *podcast*, é fundamental discutir sobre os acionamentos que o narrador faz para o ouvinte, pois dá sentido ao acontecimento, sustentando novamente que as narrativas dependem das circunstâncias ao qual estão sendo feitas. De acordo com Quadros (2018, p. 31),

Ao analisarmos um programa noticioso radiofônico, a adoção de um olhar narrativizante nos permite identificar, em meio à fragmentação deste produto midiático, a existência de uma narrativa mais ampla. A forma como o roteiro é conduzido pelo locutor, as variações na entonação da voz, a utilização de recursos sonoros e, principalmente, o encadeamento de notícias, mesmo que aparentemente desconectadas, conformam uma narrativa ampliada que nos conta sobre a realidade de um determinado tempo e espaço.

Além disso, toda narrativa tem uma intencionalidade determinante, com um objetivo de tocar o leitor/ouvinte. Branca Vianna relata no primeiro episódio do

podcast que, quando Ângela Diniz foi morta, ela tinha 14 anos e que o seu interesse se deu pela revolução que ocorreu na vida das mulheres após o crime, de como o sistema judiciário agia e ainda age, sobre os casos de feminicídio no país. A intencionalidade que Branca coloca em sua narrativa no Praia, podemos observar que é decorrente aos fatos da história que lhe atravessaram quando ainda era jovem e que no *podcast*, depois de adulta, ela pôde expressar e nortear o ouvinte com suas impressões.

Como toda narrativa possui uma intencionalidade, o narrador não exerce apenas o papel de contar a história, ele é tão personagem quanto as outras (fontes) que estão presentes. É a partir do narrador que o leitor/ouvinte pode participar da história. Motta (2004, p. 5) ressalta que “aquele que narra, segue o argumento, evoca acontecimentos conhecidos que presenciou pessoalmente ou não, e configura o relato de forma verossímil de maneira a induzir o leitor a participar como espectador quase presente nos eventos que relata”.

Sendo o narrador um personagem, este se difere do autor. Quadros (2018) expõe que o narrador é quem conta uma história, é ele que enuncia a narrativa. Narrador e autor se distinguem pois este último corresponde a um sujeito real e extradiegético, e o primeiro denota uma entidade fictícia inserida na história (intradiegético) e responsável pela condução.

Considerando que nosso foco de pesquisa neste trabalho reside nas manifestações subjetivas do narrador, no tópico a seguir, refletiremos de forma mais específica acerca deste personagem nas narrativas jornalísticas.

1.2 NARRADOR PERSONAGEM

Dentro das narrativas, um dos principais elementos são as personagens. Elas caracterizam os fatos da história pois vivenciam e são testemunhas deles. Para as narrativas jornalísticas, as personagens principais são, geralmente, as fontes, que são ouvidas e dão voz aos acontecimentos. Mas além das fontes, há outros personagens que constituem as narrativas sendo um deles o narrador. Quando nos referimos aos textos jornalísticos, Quadros (2018, p. 35) ressalta que se,

observamos sua natureza polissêmica ao identificarmos a voz do narrador principal, o jornalista-indivíduo que conta a estória; dos personagens, na fala das fontes; e também do próprio veículo, ou do jornalista-instituição, que participa da narrativa por meio de influências ideológicas ou comerciais, e ainda impondo condições técnicas.

Sendo o narrador o foco desta pesquisa, Motta (2013, p.177) articula que “é o narrador quem cria premeditada e intencionalmente tudo que se passa na personagem e com a personagem (ainda que de maneira inconsciente, algumas vezes)”. Ou seja, o narrador é responsável também por ordenar os eventos que as personagens (sejam elas fontes ou instituições) estão envolvidas para que haja uma linha de entendimento para quem lê ou ouve a história. Motta (2013) expressa que essa ação de ordenamento realizada pelo narrador faz parte da sua função estratégica, pois é ele quem impõe força aos personagens, quem transforma esse indivíduo em alguém simpático ou não.

No *podcast Praia dos Ossos*, o objeto desta pesquisa, quem narra é a linguista e intérprete simultânea Branca Vianna. Em sua narrativa, ela busca antecedentes das personagens, faz comparações com outros casos e nesse processo ela ordena as personagens que compõem a história do crime. A partir da reflexão que fecha o tópico anterior, podemos entender que, no *Praia dos Ossos*, Branca é tanto autora como narradora: ela é uma pessoa real (portanto, não fictícia), mas está inserida na história (ou seja, é intradieética). Como parte da narrativa, ela torna-se, ainda, uma personagem. E mesmo que o *podcast* tenha as suas personagens, sendo as principais Ângela Diniz e Doca Street, Branca Vianna ocupa um lugar importante. É ela quem conduz a história e manifesta a intencionalidade da narrativa construída sobre o caso, indo ao encontro de Motta (2005, p. 3), que afirma que “quem narra tem algum propósito ao narrar, nenhuma narrativa é ingênuas”.

O narrador jornalístico¹ é, na maioria das vezes, visto como uma personagem individualista, frio e que busca noticiar os fatos se pautando pela objetividade e imparcialidade - princípio que abordaremos de forma mais atenta no subcapítulo seguinte. Ainda assim, neste contexto, “o narrador mantém o comando, é ele sempre quem produz as personagens mesmo nas narrativas realistas como a do jornalismo e da historiografia” (MOTTA, 2013, p. 188).

É pela objetividade que o narrador jornalístico é introduzido na narrativa quando, a partir do contato com a história, consegue apresentar seus pontos de vista. Ele transforma o fato narrado em um limiar que separa a ficção da realidade. De acordo com Silva (2013, p. 8),

¹ A narradora do *Praia dos Ossos*, Branca Vianna, não possui formação em jornalismo. Porém, ela assume essa função ao adotar o método jornalístico para a construção do podcast, através da apuração, da checagem e outros procedimentos utilizados e evidenciados nos episódios.

Ao presentificar os fatos pela narrativa, revivem-se as situações e se faz com que aquele que recebe o relato também as vivencie. Mais do que isto, recria-se a história vivida, dando-se relevo, ênfase e dramaticidade aos aspectos que se quer destacar, ao mesmo tempo em que se omitem tantas outras partes, seja pela ineficácia da memória, ou pela vontade de que aqueles fatos omitidos não fossem parte do acontecimento presenciado, de modo que o vivido se transforma em um novo acontecimento, a cada relato.

Se pensarmos a partir dessa concepção, de que o narrador jornalístico quando é introduzido na narrativa porque narra a história ou notícia, consegue transformar os fatos para que o receptor consiga vivenciá-los, é importante salientar que cabe, então, a esse narrador a escolha de poder ou não se pautar pela objetividade e deixar a marca da sua subjetividade, sobre o que aqueles fatos possuem algum efeito em sua trajetória, seja ela profissional ou pessoal, pois suas próprias impressões e experiências também são relevantes para o relato. Dessa forma ele consegue fazer com que a narrativa seja mais humana.

[...] Ao se discutir o jornalismo como narrativa, necessário salientar, além da crítica do fato, sua mediação e atualização, o papel do narrador como aquele que selecionará o foco narrativo e organizará estes fatos, personagens e componentes dramáticos da trama, que se converterá sempre em tempo presente. Narrar é fazer viver, é gerar uma experiência atual, capaz de modelizar o olhar do público, configurando sua percepção do mundo. Não por acaso, entre os critérios de noticiabilidade estão aqueles determinantes de uma grande carga de dramaticidade: os dilemas humanos e universais, os grandes eventos, as tragédias e suas simbologias míticas e arquetípicas, os assassinatos, os atos de heroísmo. Contados por um narrador de prestígio, crível, esta narrativa ganha peso, consolida-se como a verdade para o público que a vivencia. (SILVA, 2013, p. 12).

Resende (2005) expressa que o narrador jornalista conta os detalhes de determinada cena, do fato jornalístico. É através do olhar dele que o espectador/ouvinte pode captar o que está acontecendo. Nesta ação “escapamos nós mesmos da visão do jornalista, olhamos o fato e, com aquele que narra a história, nos tornamos parte dele”. (RESENDE, 2005, p. 97).

Sem um narrador, as narrativas não teriam o mesmo impacto pois o autor ou as demais personagens não as constituem por si só. Apesar da objetividade imposta a profissão, o narrador jornalístico atual consegue se desprender um pouco do que seria a essência do ato de narrar, e coloca as suas percepções sobre a narrativa. “A importância do narrar, e do narrador, portanto, está no fato de que é a partir das narrativas que o homem consegue explicitar, reviver, transformar e criticar o seu próprio viver.” (SILVA, 2013, p. 7). É sobre essa subjetividade latente no jornalismo que nos

deteremos no subcapítulo a seguir.

1.3 SUBJETIVIDADE

Quando pensamos no trabalho de um jornalista, as primeiras coisas que remetemos acerca do trabalho é que a linguagem da qual ele irá dispor em suas narrativas será ancorada nos princípios da objetividade, imparcialidade, universalidade e pirâmide invertida ou *lead*.

Para Tuchman (1999, p.75) “o termo objetividade está cheio de significado. Invoca, filosofia, noções de ciência e ideias de profissionalismo.” Ou seja, é uma forma do jornalista poder construir a notícia, se atendo apenas aos fatos, a estrutura institucional do seu local de trabalho e o fazer jornalístico cotidiano, evitando com que ele exprima seus valores, opiniões ou interpretações sobre o que está produzindo.

A objetividade jornalística pode ser vista como um ritual estratégico, pois protege o jornalista dos perigos acerca de sua profissão. Tuchman (1999, p. 76) reforça essa concepção dizendo que “o processamento das notícias não deixa tempo disponível para a análise epistemológica reflexiva. Todavia, os jornalistas necessitam de uma noção operativa de objectividade para minimizar os riscos impostos pelos prazos de entregas de material, pelos processos difamatórios e pelas reprimendas dos superiores.”

Mas, conforme os avanços tecnológicos foram sendo implementados no Jornalismo, a forma como este profissional deve se comunicar com a sociedade mudou. De acordo com Moraes e Gouveia (2018, p. 147),

No processo de escrita, a observação continua como um dos processos mais importantes na apuração dos fatos, mas não é o único. Um importante recurso empregado é a representação de detalhes da vida das pessoas e dos grupos que são objetos da reportagem. As emoções são reconhecidas pelas reportagens. Há de fato, uma valorização das subjetividades. Entre as técnicas utilizadas, destacam-se o perfil, a narrativa em fluxo de consciência, a presença do narrador em sua história e o uso de linguagem criativa. Essas experiências se relacionam com o que vem se chamando de jornalismo de subjetividade [...].

O jornalismo de subjetividade articula as vivências do jornalista, narrador ou repórter com o factual da notícia, sempre se pautando pela veracidade dos fatos, mas projetando um jornalismo mais humanizado.

Entendemos que o uso da emoção, nesse jornalismo que preza também o subjetivo, se dá primeiramente pelo não apagamento da jornalista/do

jornalista na produção que ela/ele realiza (entendendo que o lugar do jornalista não é o do protagonismo, não é do heroísmo). A procura pela tradução desse encontro do eu-outro na composição dos textos potencializa justamente a desconstrução de um olhar de autoridade sobre a vida alheia, principalmente aquelas experienciadas por pessoas/comunidades vulnerabilizadas. (MORAES; GOUVEIA, 2018, p. 151-152).

Entendendo essa concepção, é necessário também visualizar outra impressão que o jornalismo de subjetividade causa ao ser colocado em prática: a percepção hierárquica de gêneros sobre uma narrativa mais emocional e subjetiva. As emoções ficariam mais ligadas ao campo feminino, as mulheres, quanto a racionalidade ao campo masculino, os homens. “A razão (logos) deveria ser o farol do mundo, o guia, enquanto a emoção (*phatos*) foi entendida como uma fraqueza, um defeito, uma incapacidade, o não confiável (o ‘patético’)” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 21).

Compreender que o narrador jornalista não reside apenas no que constrói a partir dos fatos noticiosos e abraça a subjetividade das fontes, lhe permite aproximar o receptor (leitor/ouvinte) daquele cenário, tornando a narrativa mais inclusiva. Isso promoveria uma melhor produção, já que coloca o profissional em contato direto com a sua alteridade.

Sugerimos que a subjetividade alavancada ao patamar de relevância na prática jornalística pode contribuir com a valoração e melhor compreensão dos elementos subjetivos potentes para uma melhor leitura da realidade e encontro com as alteridades. O reconhecimento de que as posições de sujeito do jornalista (bem como as bagagens culturais e valores dominantes) constituem suas lentes de leitura da realidade, contribui para uma melhor compreensão de como as tramas simbólicas se tecem, sendo o jornalista central nos processos cognitivos. O corpo, os sentidos e as emoções são instrumentos partícipes das práticas, e, quando percebidos em suas dimensões culturais e cognitivas, podem tornar-se potentes para melhores ações. (MORAES; VEIGA DA SILVA, 2019, p 19).

Moraes lembra que “ ‘tomar partido’ é algo que está no DNA do jornalismo, e se isso foi um dia declarado (como nos jornais opinativos do século XIX), passou a ser encoberto justamente pelo manto da objetividade” (2019, p. 216). Nos dias atuais é difícil manter a objetividade perante os acontecimentos, mesmo essa característica de não imprimir seus pontos de vista estando impregnada na atividade jornalística. Motta (2004, p.12) ressalta que,

No jornalismo diário há muitos textos híbridos onde se mesclam narração e descrição. Mesmo as notícias que se ocupam de temas “duros” e são expressas na forma objetiva para enxugar as subjetividades estão impregnadas de fragmentos narrativos. Os jornalistas não conseguem e nem pretendem se

despojar de toda subjetividade

O jornalismo de subjetividade, ainda de acordo com Moraes (2019), procura promover uma aproximação entre os diferentes grupos da sociedade, porque atinge diferentes demandas sociais que o jornalismo hegemônico não consegue penetrar.

A subjetividade a qual nos referimos nesse jornalismo que busca ser mais integral se situa em critérios também objetivos: na necessidade de observarmos posições de classe, gênero, geográficas, raciais, grupais; na obrigatoriedade de levar em conta a estrutura social circundante (em nosso caso, a brasileira, fraturada pelo classismo e pelo racismo); na necessidade de olhar miúdo para entender como essas questões se traduzem nas pessoas, em como são devolvidas ao mundo; na procura de fissurar representações previamente dadas (ou fatos previamente dados); finalmente, em uma autocrítica do próprio campo assentado em bases positivistas e também que privilegia narrar a partir de um enquadramento espetacular. (MORAES, 2019, p. 209).

Não há problema em deixar as emoções a cerca de um acontecimento, isso para Veiga da Silva e Moraes (2019, p. 18) é “um outro elemento importante na sustentação de um jornalismo de subjetividade: o entendimento de que a ‘contaminação’ da emoção é um ganho, e não algo a ser negado na construção das reportagens.” Sendo assim, demonstra-se que “é na subjetividade que as emoções, sentimentos, cognição e pensamentos estão postos, e são estes componentes inatingíveis os primeiros modos de dar significado aos fatos”. (SILVA, 2010, p. 47).

Neste capítulo discutimos a narrativa jornalística, o narrador como personagem e o conceito de subjetividade, de como ela é importante para o profissional poder colocar sentido e emoção sobre as suas produções. Esse aporte teórico será importante para o capítulo de análise, onde iremos mapear e identificar as marcas de subjetividade da narradora do *podcast*, Branca Vianna.

2. COMPREENDENDO PODCAST: DO SURGIMENTO AOS FORMATOS

Neste capítulo, abordaremos sobre o surgimento do *podcast*, dados de consumo, suas características e seus formatos. Em seguida, buscaremos compreender os aspectos que caracterizam o *podcast* em formato narrativo.

2.1 PODCAST

No início dos anos 2000, os meios de comunicação e transmissão ainda não eram o campo tecnológico de fácil acesso que utilizamos hoje, mas a distribuição de arquivos de mídia em áudio não era considerado algo novo, sendo distribuídos pela internet no formato MP3 e similares. Diferente das plataformas de *streaming* que conhecemos atualmente, caso o ouvinte desejasse escutar um desses arquivos sonoros, ele precisaria a cada nova edição, acessar o site onde se encontrava o arquivo, fazer o *download* e aí então, ouvi-lo.

Houve algumas experiências voltadas ao download automático de arquivos de áudio, mas geralmente ligadas a empresas que também eram responsáveis pela geração de conteúdo, buscando lucro direto. Como havia dificuldade de lucrar com o sistema, essas experiências eram deixadas de lado depois de algum tempo. (LOPES, 2015, p. 14).

Com a praticidade dos aparelhos portáteis que reproduzem os arquivos de áudio, especialmente em MP3, começou a se pensar em como tornar o acesso ao conteúdo mais automático. Dentro das ideias pensadas, a que teve maior êxito foi a de possibilitar que o *download* ocorresse através de programas que seriam chamados de agregadores utilizando uma tecnologia empregada em blogs, o RSS (*Really Simple Syndication*) que “é uma maneira de um programa chamado agregador de conteúdo saber que um blog foi atualizado sem que a pessoa precise visitar o site”. (LOPES, 2015, p. 14). Anteriormente, o RSS era utilizado para arquivos de texto, porém, em 2003, Dave Winner, encontrou uma forma de fazê-lo funcionar para áudio em função do jornalista Christopher Lydon, que precisava disponibilizar entrevistas na internet.

Mas o *podcast* como conhecemos hoje ainda não era bem o que Dave havia criado. Em 2004, Adam Curry, um ex-VJ da MTV, fez surgir o conceito de *podcast*. A

forma como conhecemos hoje, aconteceu a partir de um *script*² de Kevin Marks. Adam Curry encontrou uma maneira de transferir arquivos de áudio, que até então eram disponibilizados apenas pelo RSS, para o agregador *iTunes*, na época, o único que conseguia alimentar os *iPods*, os tocadores de mídia da *Apple*.

O *RSStoIPod*, estava disponível para que mais programadores o utilizassem voluntariamente, fazendo com que outros agregadores também pudessem fazer download automático de áudios.

Essa forma de transmitir dados passou a ser chamada de podcasting (junção do prefixo “pod”, oriundo de iPod, com o sufixo “casting”, originado da expressão “broadcasting”, transmissão pública e massiva de informações). O nome fora sugerido em fevereiro de 2004 por Ben Hammersley, no jornal *The Guardian*, para definir a forma de transmissão das entrevistas de Lyndon e acabou sendo adotado posteriormente para esse novo sistema de transmissão de dados. (LOPES, 2015, p.15).

Posteriormente, essa forma de transmissão não se limitou ao iPod, mesmo sendo referência ao nome. Apesar disso o termo permaneceu e desde então os programas de áudio que eram distribuídos via *podcasting* receberam o nomenclatura de *podcast*.

Diferente do que muitas pessoas pensam, *podcast* não é um programa de rádio ou ainda uma transmissão radiofônica. Apesar das semelhanças, já que o *podcast* também explora a linguagem sonora e recebe várias influências das produções radiofônicas, há diferenças importantes especialmente no modo de transmissão e consumo. “Se observamos bem, apesar de as mídias serem bem diferentes, a linguagem é praticamente a mesma. E mais: no *podcast* temos liberdade de produção de conteúdo, algo cada vez mais raro no rádio” (LOPES, 2015, p 23). Lopes (2015) também nos aponta que existem cinco etapas que geralmente são seguidas na maioria dos *podcasts*: produção, gravação, edição, publicação e distribuição.

Outra característica bem marcante do *podcast* é a livre demanda do ouvinte. O rádio exige um acompanhamento ao vivo, enquanto ocorre a transmissão do programa. Já o *podcast* permite a audição em qualquer momento ou lugar, tendo acesso a internet ou não, de maneira offline, e a uma plataforma a qual ele esteja veiculado. Segundo Castro (2005, p.10) é,

² Na linguagem de programação, *script* pode ser definido como uma série de instruções executadas de maneira ordenada ou como um conjunto de instruções para a execução de determinada tarefa em um *software*.

Importante destacar uma outra característica do podcasting que o torna atraente para um tipo de público que já se habituou ao que estudiosos norte-americanos denominam multi-tasking, ou seja, a um tipo de concentração difusa que permite que se execute diferentes tarefas simultaneamente, tais como ouvir música, fazer o dever de casa no computador, conversar com um amigo online enquanto fala ao telefone com outra pessoa.

A forma de interação gerada pelos *podcast* também é algo que deve ser levado em consideração nessa nova mídia sonora. A possibilidade de convergência com outros conteúdos faz do *podcast* um canal para distribuir demais informações sobre a temática da qual ele se trata. De acordo com Carvalho (2011, p.6),

Nesse contexto, o podcast permite ao usuário o acesso a diferentes recursos dentro e fora do arquivo principal como: links, ilustrações, textos e vídeos, navegando e fazendo escolhas particulares, não previstas pelo autor/produtor. Esse acesso, a partir dessa nova mídia como suporte de um programa de áudio, pode ser feito de duas formas distintas: através de hiperlinks que se apresentam em uma página na internet dentro de sites ou blogs, onde costumeiramente são “postados” os programas ou anexado ao conteúdo sonoro, com apresentação simultânea a sua execução. A página que abriga o programa normalmente apresenta a descrição do conteúdo de cada episódio e links hipertextuais que dão acesso a outros arquivos, como vídeos e imagens complementares ao áudio - sendo bastante recorrente o uso de vídeos do YouTube - conteúdos de promoções e, em alguns casos, de publicidade paga em forma de patrocínio, o que ainda não é muito comum no Brasil.

Além da interação, outra questão importante que diferencia o rádio do *podcast*, é o relacionamento com o ouvinte.

Um ponto importante é o de que o podcasting, como já observamos aqui, refere-se à produção e transmissão de episódios de um único programa. Dessa forma, a relação com o ouvinte estabelece-se na periodicidade de produção de novos episódios: diária, semanal, mensal etc. Nesses termos, a prática do podcasting teria um equivalente aproximado em um serviço como o Netflix, que fornece séries, documentários e filmes – originais ou não – para exibição sob demanda e desvinculados da grade de programação de uma emissora. (VICENTE, 2018, p. 97).

Também devemos ressaltar que o *podcast* possui um baixo valor na produção pois não necessita obrigatoriamente de uma instituição para sua transmissão. A acessibilidade aos recursos tecnológicos possibilitou que o ouvinte se tornasse também um produtor.

Sem a necessidade de altos investimentos e a exigência técnica de produção aplicada aos mass media, esse novo meio permite a descentralização das produções, abrindo espaço para uma maior pluralidade de vozes e diversidade

de conteúdos. Para a produção de um podcast, o novo produtor necessita apenas de um computador, um microfone para gravação e as ferramentas tecnológicas, como: softwares de edição e plataformas para hospedar o arquivo na rede, disponíveis gratuitamente na internet. (CARVALHO, 2011, p. 4).

Sobre os avanços tecnológicos, em 2012, nos Estados Unidos, teve início o que ficou conhecido como a segunda era do *podcasting*. Essa segunda era aconteceu “quando alguns dos famosos *podcasts* do rádio público americano se tornaram independentes das emissoras de origem, passando a financiar-se inteiramente por meio de seus ouvintes, através de novas plataformas de financiamento coletivo como Kickstarter.” (BONINI, 2020, p. 23). Após iniciada, foi possível perceber uma mudança de comportamento por parte de alguns programas. De acordo com Bonini (2020, p. 24),

Desde 2012, através do uso do financiamento coletivo e com a vantagem de as audiências já conhecerem as atrações e as personalidades radiofônicas, um número crescente de programas abandonou a tradicional distribuição via rádio e adotou o *podcasting* bancado por ouvintes como uma forma de distribuição e suporte ao trabalho. Em alguns casos, como 99% Invisible, Radio Ambulante e Rádio Diaries, os programas continuaram a ser distribuídos e vendidos para emissoras tradicionais, enquanto outros, como aqueles hospedados na Radiotopia, têm no *podcasting* seu único canal de distribuição.

A segunda era de *podcasting* também está relacionada ao surgimento do *podcast Serial*. O *Serial* é um *podcast* investigativo, derivado de um programa de rádio intitulado *This American Life*, criado e produzido pela jornalista Sarah Koenig. Ambos os programas são produções da rádio pública norte-americana WBEZ Chicago. O *podcast* foi ao ar entre outubro e dezembro de 2014 e seu objetivo era falar sobre um crime a cada temporada.

Para Bonini (2020, p. 25), o “*Serial* não foi apenas um dos maiores sucessos do rádio público narrativo, mas também representa um ponto de virada para a segunda era do *podcasting*: é o programa que fez esta tecnologia de distribuição se tornar *mainstream* e transformou-a num meio de massa.”

A mobilidade que os *podcasts* oferecem aos ouvintes, é uma de suas principais características que ressaltam a sua relevância como mídia sonora, fazendo com que ele passasse a integrar os principais meios de comunicação ou sendo alternativa para transmissão de informações.

O site Blubrry publicou dados detalhados sobre o comportamento de ouvintes

de Podcasts em todo o mundo. A pesquisa foi realizada em abril de 2016 em um período de 30 dias com dados de mais de 40 mil podcasts totalizando mais de 100 milhões de downloads de episódios. O estudo mostra em números gerais que a maioria dos ouvintes consome o áudio em mobile: 64,1% contra 35,9% que ouvem em desktop. A porcentagem mobile pode subir para 75% se somarmos as audições de podcasts em tablets. Os dados da pesquisa comprovam que mesmo em um novo formato, o consumo de áudio preserva as características que o tornam atrativo até nos dias de hoje, ou seja, a liberdade proporcionada pela mobilidade que faz com que o ouvinte ganhe tempo e possa consumir conteúdo enquanto está em um deslocamento ou desenvolvendo alguma atividade (SALEMME, 2018, p. 6-7).

Outro fator importante é o crescente consumo de *podcasts*. Somado a mobilidade, ele é responsável por permitir estar dentro das principais notícias, ao mesmo tempo que fornece histórias ficcionais, documentais ou de entretenimento. Uma pesquisa veiculada em março de 2022 pela revista Exame e realizada pela plataforma CupomValido.com.br com dados da Statista e IBOPE, revelou que o Brasil é o terceiro país que mais consome *podcast*, ficando atrás apenas da Suécia e Irlanda. Em relação às plataformas, o Spotify lidera o ranking com 25% de participação no mercado, seguido pelo *Apple Podcast* com 20% e em terceiro o *Google Podcasts* com 16%. Quanto aos formatos, a pesquisa revelou que os brasileiros preferem as entrevistas com convidados, com 55% da preferência. A narrativa de histórias reais e mesa redonda, seguem em segunda e terceira posição (ROVAROTO, 2022).

Outro estudo realizado pela Globo em parceria com o Ibope em setembro de 2020 e fevereiro de 2021, com mais de mil pessoas, revelou que no Brasil os *podcasts* mais curtos são os mais procurados. Os episódios que duram até 15 minutos são os preferidos de 21% dos entrevistados. Já os programas com duração de uma hora a 1h30 atraem 9%. Quanto à frequência, 43% relatou que ouve três vezes por semana. O levantamento ainda considerou o que levava as pessoas a ouvirem um *podcast* pela primeira vez. O motivo mais citado foi o interesse pessoal (41%) e a maioria disse que escuta enquanto executa tarefas domésticas (44%) (PANDEMIA PROVOCA, 2021).

Conforme a popularização e o aumento da produção, os formatos de *podcasts* foram se diversificando e demandando dos pesquisadores da área um esforço para categorizá-los. Os autores Viana e Chagas (2021) publicaram um artigo no XIII Encontro Nacional de História da Mídia, intitulado “Categorização de *podcasts* no Brasil: uma proposta baseada em eixos estruturais a partir de um panorama histórico” em que através do método de observação sistemática, conseguiram encontrar algumas estruturas que imperam nos *podcasts* nacionais.

Segundo Viana e Chagas (2021, p. 10), “ao longo da pesquisa, fronteiras em

constante mutação, nas quais características que definem um episódio como narrativo muitas vezes se misturam com debates, entrevistas e outras estratégias de aproximação com o ouvinte”. A partir dessa observação eles obtiveram os seguintes resultados de estruturação quanto aos *podcasts* no Brasil:

Quadro 1: Tipo/estrutura de *podcasts*

TIPO/ESTRUTURA	CARACTERÍSTICA
Relato	Crônica ou narração particular que é direcionada ao ouvinte. Pode ser feita por uma ou mais vozes. Promove reflexões acerca de interesses pessoais ou temas de nicho.
Debate	Troca ou exposição de ideias entre os participantes, com ou sem convidados, ancorado por um apresentador ou host. Há interação direta entre os participantes.
Narrativa da Realidade	Conta uma história real, com personagens e fatos que geralmente envolvem-se em um conflito e possui um grande arco. Produções que possuem intensas apurações, em que as fontes são amplamente ouvidas e o narrador/jornalista sempre recorre às ilustrações de cada personagem para o ouvinte.
Entrevista	O apresentador ou host realiza perguntas para um ou mais convidados no intuito de saber sobre algum assunto específico. Diferente do debate pois não há interação entre os convidados, e quando há mais de um, o apresentador desempenha o papel de mediador.
Instrutivo	Desenvolver, aperfeiçoar ou exercitar algo de interesse do ouvinte. Parecido com uma aula ou um curso.

Narrativas Ficcionalis	Narra histórias de ficção e geralmente tem enredo e personagens marcados por algum conflito ou grande arco.
Noticiosos	Podem ser Daily News ou possuir outra frequência como os semanais. São objetivos e o tempo varia de acordo com seus formatos (boletins, resumos de notícias). Geralmente são institucionalizados.
Remediados	Proveniente de outras mídias, como rádio, TV e Internet. Estão na podosfera em forma de repositórios.

Fonte: elaborado pela autora, a partir de Viana e Chagas (2021).

Observa-se na sistematização apresentada por Viana e Chagas (2021), a identificação de oito formatos. Eles demonstram a diversidade da atual produção de *podcasts* no país. Muitos deles reproduzem modelos radiofônicos, como o de relato, entrevista ou debate. Destes em especial é a narrativa da realidade porque o *Praia dos Ossos* é um *podcast* narrativo de um crime real, no qual a narradora Branca Vianna pode categorizar os personagens detalhadamente, mesmo o fato ocorrendo na década de 1970. O Praia demandou uma intensa rotina de apuração e entrevistas com algumas fontes, para reconstruir a história.

Apesar de o *podcast* ser considerado uma mídia nova, os estudos para que se possa compreendê-lo avançam cada vez mais na área da Comunicação, sendo um dos principais esforços que haja um maior detalhamento voltado para os seus gêneros e formatos.

Diante dos conceitos e dados apresentados referentes à *podcast*, no capítulo a seguir iremos compreender e abordar características quanto ao formato de interesse desta pesquisa, que se caracterizam através da estrutura/tipo de narrativa da realidade, os *podcasts* narrativos.

2.2 PODCAST NARRATIVO

O *podcast* de narrativa da realidade, ou *podcast* narrativo, é um dos formatos

que possibilita que o autor conte uma história real e que descreva com mais detalhes os personagens e alguns acontecimentos mais expressivos, geralmente seu enredo contém algum fato grandioso, que instigue a curiosidade do leitor e o faça permanecer ouvindo. De maneira geral,

este novo gênero envolveria reportagens investigativas com apuração exaustiva de informações, o que permitiria reconstituição – no âmbito narrativo, evidentemente – de cenas e ambiências, bem como reportagens de interesse humano, que mobilizam arquétipos em novas roupagens, numa tática para sensibilizar a audiência e estabelecer vínculos entre ouvintes e personagens representados. (KISCHINHEVSKY, 2018, p. 79).

No rádio, este gênero já se manifestava “com características específicas, como o uso de trilha sonora para evocar sentimentos – afeto, medo, raiva – e sensações – suspense, alegria. A linguagem se aproxima da (e também atualiza a) contação de histórias” (KISCHINHEVSKY, 2018, p. 79). Nesse sentido, o *podcast Praia dos Ossos* pode ser considerado um *podcast* narrativo porque Kischinhevsky (2018) aponta que o que conduz e caracteriza o radiojornalismo narrativo para a produção de *podcasts* - até em nível internacional - é que,

em linhas gerais, investem na apuração em profundidade, ouvindo extensamente as fontes escolhidas e recorrendo à ilustração destes personagens em diversos momentos dos episódios, sem a restrição de tempo das sonoras usadas no radiojornalismo convencional (KISCHINHEVSKY, 2018, p. 79).

Ainda mencionando o objeto empírico desta pesquisa, o *Praia dos Ossos*, podemos perceber uma outra característica marcante do jornalismo narrativo: o foco em uma história sobre um crime que recebeu cobertura da imprensa. Referente ao radiojornalismo narrativo, pensando em *podcasts* narrativos, Kischinhevsky (2018, p.79) salienta que,

Os mais populares abordam crimes ou envolvem investigações marcadas por controvérsias, sempre histórias reais que tiveram alguma cobertura da imprensa, mas não com a devida profundidade. A primeira temporada de *Serial* trata da morte de uma jovem em Baltimore, em 1999, supostamente assassinada por um ex-namorado e colega de escola. A apresentadora Sarah Koenig mergulhou em milhares de documentos, incluindo testemunhos e transcrições do julgamento em que o rapaz foi condenado, e entrevistou diversos personagens relacionados ao caso para levantar o que estava por trás da versão oficial aceita pela Justiça.

Outra característica importante sobre radiojornalismo narrativo em *podcasts* é a existência de

uma construção narrativa dos fatos relatados, com rica descrição de ambientes e situações. O uso da primeira pessoa é recorrente pelos apresentadores, que não se furtam a verbalizar suas dúvidas, impressões e opiniões, embora sempre tendo como pano de fundo valores implícitos relacionados ao jornalismo [...] (KISCHINHEVSKY, 2018, p 79).

Articulando com o objetivo desta pesquisa, que procurará analisar a presença e as manifestações de subjetividade do narrador,, outra característica que tem se mostrado cada vez mais recorrente em *podcasts* narrativos é a presença desse personagem, sustentada por suas motivações pessoais, onde “[...] recorre ao relato em primeira pessoa para transparecer os processos de apuração e explicar suas escolhas jornalísticas” (VIANA, 2021b, p. 12). Dessa forma, os *podcasts* narrativos estão marcados por produções pessoais, que colocam o narrador em uma posição que a narrativa depende dele para aflorar. “O sujeito que constrói o relato rompe com padrões discursivos e tem sua subjetividade trazida à tona como um elemento enriquecedor da narrativa, e não como um desvio da seriedade e da responsabilidade jornalística de veicular informação.” (VIANA, 2021b, p. 14)

Este gênero de *podcast* possui uma técnica predominante que possibilita contar as histórias, construindo narrativas para desenvolver mais profundamente os personagens, causando uma identificação e aproximação com o ouvinte e consequentemente o fidelizando. Essa técnica é chamada de *storytelling*. Nesse contexto, o *storytelling* “se desenvolve buscando contemplar as dimensões cognitivas do ser, rompendo com as estratégias engessadas e verticalizadas de priorizar o produto no lugar do consumidor” (VIANA, 2020, p. 02).

Ainda para contextualizar um pouco mais sobre o que é o *storytelling* e a sua premissa de contar histórias, para Cunha e Mantello (2014, p.58) “o termo em inglês pode ser traduzido como algo próximo à contação de histórias, situação na qual o jornalista é contador (teller) e o fato apurado (story) é o que deve ser narrado. Ainda em inglês, matéria [jornalística] (...) é story”.

Viana (2020) reforça que essa técnica usada no jornalismo, humaniza as narrativas porque substitui o *lead*, estrutura base do jornalismo composta pelas perguntas quem, onde, como, quando, porquê e o que, e prefere a descrição da cena, recorrendo ao emocional de quem irá consumir o conteúdo. Além disso, outro aspecto

importante para essa conexão do leitor/ouvinte com a notícia, ou nesse caso, com o *podcast*, é que “para produzir sentido com o storytelling, uma história apresenta sempre um conflito em seu enredo” (VIANA, 2020, p. 04).

Por último, mas não menos importante, outro aspecto importante no caso dos *podcasts* narrativos é de como as demais mídias, além do áudio, contribuem para uma maior imersão na história e complementam a narrativa principal. O *Praia dos Ossos*, além dos episódios disponíveis nas plataformas de *streaming*, possui um site com fotos dos personagens, transcrições e vídeos. Esse conteúdo extra oferece ao ouvinte um panorama do cenário e de quem os compõe. Viana (2021a, p. 11) enfatiza “[...] *podcasts* que têm o radiojornalismo narrativo como estrutura, os espaços virtuais compõem-se como estratégicos repositórios, trazendo para o ouvinte informações complementares, como fotografias, vídeos e outros tipos de arquivos relacionados ao acontecimento.”

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, iremos contextualizar o que é e sobre o que fala o objeto empírico desta pesquisa, o *podcast Praia dos Ossos*. A seguir, buscaremos evidenciar as etapas de análise realizadas para a pesquisa, detalhando cada passo escolhido pela autora, ancorada na metodologia de Análise de Conteúdo.

3.1 OBJETO: O PODCAST PRAIA DOS OSSOS

Realizado pela produtora carioca *Rádio Novelo*, o *Praia dos Ossos* é um *podcast* narrativo, idealizado e apresentado pela linguista e intérprete simultânea, Branca Vianna, e que teve sua estreia no dia 12 de setembro de 2020. Com oito episódios e mais dois bônus que foram disponibilizados posteriormente aos ouvintes, o *Praia* relata o crime que matou Ângela Diniz, ocorrido em 1976, em Búzios, no Rio Janeiro, e os julgamentos que se seguiram. O *podcast* também explora detalhadamente as consequências e ações posteriores. Ele também aborda a família tradicional da época, principalmente a mineira, a justiça e como o patriarcado e o machismo imperavam no poder jurídico, o feminismo e a diferença de classes, mostrando como o crime foi um divisor de águas para o fortalecimento do movimento feminista nacional. “Essa é a história de uma mulher, da morte dela, e de tudo o que veio depois.” (NOVELO, 2020a, p. 03).

Figura 1: Capa do podcast “*Praia dos Ossos*”.



Fonte: Spotify. Elaboração da produtora *Rádio Novelo*. 2020.

No dia 30 de dezembro de 1976, a socialite Ângela Maria Fernandes Diniz foi assassinada com quatro tiros pelo então namorado na época, o empresário Raul Fernando do Amaral Street, popularmente conhecido como Doca. Os dois estavam na *Praia dos Ossos*, a fim de comprar uma casa para construírem algo novo, longe da conturbada vida pública de ambos, porém após uma briga, Doca atirou em Ângela e depois fugiu.

Doca ficou 16 dias foragido da polícia e reapareceu no dia 16 de janeiro, mas para a TV Globo e não para a polícia. Nessa data ele concedeu uma entrevista a um repórter, assumindo a culpa do crime, mas se dizendo arrependido, que matou Ângela por amor. Essa entrevista foi articulada pelo advogado de Doca com o intuito de promover sua inocência, o transformando em um homem desesperado, apaixonado e que tinha motivos para ter feito o que fez. Na mesma época, ele também falou para uma reportagem na revista *Manchete*, com o jornalista Salomão Schwartzman. Essa reportagem ganhou uma menção honrosa no Prêmio Esso de 1977.

A reportagem da *Manchete* fala sobre o crime. Mas também tem muita informação sobre a biografia do Doca até aquela noite em Búzios. A gente aprende que ele foi salva-vidas em Miami e secretário de um diplomata saudita em Washington. Doca fala da ex-mulher Adelita e dos dois filhos. Se diz arrependido, “morto por dentro”. Mas, mesmo assim, ele não assume toda a culpa da tragédia. (NOVELO, 2020a, p. 05).

Dois dias depois, logo após as entrevistas, Doca deu entrada em uma clínica médica em São Paulo, mas não permaneceu, pois os médicos ligaram para a polícia e ele teve de ir para o Rio de Janeiro se apresentar na delegacia de Cabo Frio. Ele não permaneceu detido na delegacia e foi internado em um hospital, tudo planejado com o advogado dele na época e um médico psiquiatra.

Depois de três anos, entre recursos, prisões preventivas e com o crime ganhando mais atenção da mídia por surgirem outros fatores como um possível romance da Ângela com uma alemã, Doca Street foi a julgamento em 1979. No julgamento, Ângela era tratada como a causadora de sua morte, enquanto Doca, apenas como o executor de um crime passionai.

Vamos tentar entender isso. Pra começar, tem "o passionai". Quase como uma característica física, uma qualidade inerente ao Doca. Uma coisa que a pessoa não escolhe ser, só é. O Doca era um passionai. E "passionai" também é um termo técnico. Na escola positivista italiana, muito admirada pelo Evandro, o “criminoso passionai” era todo um tipo. Eles seriam aqueles criminosos chamados “de boa companhia”, basicamente cidadãos de bem. Gente que nunca cometeu qualquer violência antes do fato em julgamento, pessoas que agem num impulso incontrolável e imprevisível. (NOVELO, 2020b, p. 06).

O julgamento do crime da *Praia dos Ossos*, foi considerado um duelo de titãs, pois na defesa e acusação estavam dois dos maiores advogados criminalistas do Brasil. Nesse julgamento, a tese de “legítima defesa da honra”, recurso que era utilizado pelas defesas de acusados de feminicídio ou agressão contra a mulheres a fim de justificar o comportamento do réu, foi empregado pelo advogado de Doca para assegurar que a motivação do crime foi para defender a honra do réu, alegando que se Ângela o feriu, ele tinha o direito de matá-la. A sentença de Doca Street foi uma pena de dezoito meses, da qual sete ele já havia cumprido.

Após o processo, de acordo com o *podcast*, com a Lei da Anistia, muitos exilados e exiladas voltaram da Europa. Uma parte dessas exiladas trouxe na bagagem o recém-formado movimento feminista europeu. Com a decisão da justiça, as mulheres se revoltaram e deram início a diversos protestos com o slogan “Quem ama não mata”, respondendo a argumentação da tese sobre legítima defesa da honra. “Não são só as feministas que morrem de feminicídio. Mas o feminismo é a luta pelos direitos de todas as mulheres, mesmo aquelas que são contra o movimento. As mulheres continuam sendo mortas porque são mulheres.” (NOVELO, 2020c, p. 18). Com a pressão popular e uma intensa cobertura por parte de toda imprensa que incluía jornais, televisão e rádio, o tribunal superior do júri anulou o resultado e marcou um novo julgamento. Em 1981, Doca Street foi condenado a 15 anos de prisão, mas acabou por cumprir apenas um terço da pena.

3.2 ETAPAS DE ANÁLISE

Para a execução dessa pesquisa, as etapas de análise foram separadas em quatro partes que se constituem em audição exploratória, audição analítica/mapeamento, categorização e a reflexão, com base no método da Análise de Conteúdo que, conforme Bardin (1977, p.47), é,

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção dessas mensagens.

Estas etapas foram realizadas nos três episódios que integram o *podcast Praia dos Ossos*. Os episódios analisados foram:

Quadro 2: Episódios que compõem o *corpus* de análise

EPISÓDIO	TÍTULO	DURAÇÃO	PUBLICAÇÃO
1	O Crime da Praia dos Ossos	52 minutos e 06 segundos	12 de setembro de 2020
3	Ângela	01 hora, 01 minuto e 19 segundos	26 de setembro de 2020
8	Rua Ângela Diniz	01 hora, 04 minutos e 31 segundo	31 de outubro de 2020

Fonte: elaboração da autora

A escolha os três episódios para serem analisados nessa pesquisa, além de buscar transcrições que contenham um maior número de unidades de registro subjetivas da narradora, se dá também pelo fato de que o episódio 1 “O crime da Praia dos Ossos”, apresenta o podcast e contextualiza o ouvinte sobre o que se trata a história. O episódio 3 “Ângela”, retrata a vida da protagonista do *Praia dos Ossos* antes de se tornar a “*Pantera de Minas*” e o episódio 8 “Rua Ângela Diniz” é o que finaliza e ressalta as motivações pessoais da narradora para fazer o podcast.

Partindo para a análise, na primeira etapa, de audição exploratória, foi realizada uma escuta dos episódios para que houvesse uma maior compreensão do conteúdo. O consumo foi importante para a familiarização da autora com o objeto empírico.

Para a segunda etapa, que é a audição analítica ou mapeamento, foi elaborada uma tabela de análise para cada episódio, identificando as marcas de subjetividade da narradora, Branca Vianna. Nesse processo foram identificados os trechos, através dos roteiros disponibilizados pelo site do *podcast*, onde as falas e interpretações dela aparecem e posteriormente esses trechos foram grifados e transcritos.

A terceira etapa foi a categorização desses trechos, na qual foi feita uma classificação e uma interpretação de sentidos sobre cada uma das inserções feitas por Branca Vianna, buscando entender qual é a função da subjetividade da narradora para a narrativa do *podcast*.

Os trechos identificados foram classificados em três categorias sendo elas “Rotina”, “Interação com o ouvinte” e “Opinativo”. Cada uma das categorias recebeu marcadores que têm por objetivo especificar aquele trecho dentro da sua categoria, evidenciando que tipo de subjetividade a unidade de registro possui. Para esclarecer o uso dos marcadores e o seu propósito, construímos um quadro com a descrição específica de cada um.

Quadro 3: Marcadores utilizados na análise do corpus

CATEGORIA	MARCADOR	DESCRIÇÃO
Rotina	Busca por fonte	Mapeamento de fontes para realização de entrevista. Utilizada em trechos que demonstram a busca de um contato com a fonte por parte da Branca Vianna e/ou da equipe.
	Descrição	Descrever locais, fotografias, cenas e vídeos.
	Descrição da fonte	Descrever a fonte entrevistada identificando-a e caracterizando sua profissão, grau de relacionamento com Ângela e/ou Doca ou seu envolvimento com a história. Também descreve fontes especializadas em algum assunto abordado referente a história que não necessariamente possuam algum envolvimento.
	Entrevista	Comprova entrevista realizada para o podcast com fontes envolvidas na história ou especialistas. Também marca a recapitulação de uma entrevista, evidenciando assuntos ou perguntas feitas na conversa entre Branca e a fonte. Marca a ocorrência de uma ou mais entrevistas feitas de formas diferentes na questão de modo ou espaço.
	Procedimentos	Manifesta os processos de apuração, pesquisa, recolha de dados e objetos, viagens ou momento para entrevistas, ligações e narração nos ambientes de onde aconteceram os fatos para os ouvintes.
Interação com o ouvinte	Dúvida compartilhada	Revela uma dúvida relacionada a determinado fato da história, em que a narradora questiona a si mesma mas também os ouvintes, como se estivessem conversando. Em determinados trechos se apresenta como um questionamento ou uma pergunta retórica.
	Guia de audição	Explica no início sobre o que será tratado naquele episódio e ao final sobre o que será o próximo. Também convida os ouvintes a acompanharem o podcast e a buscarem conteúdo extra em outras plataformas, instruindo sobre quais informações adicionais poderão ser encontradas.
	Observação de caráter pessoal	A narradora faz ao ouvinte uma observação diante de um fato, sempre em tom de diálogo.
	Referência de episódios anteriores	Retomar dado, fato ou fonte citados em episódios anteriores de forma a manter o ouvinte localizado no enredo da história.
	Referência a informações	Mesma função que o marcador “Referência de episódios anteriores” porém é exclusiva ao 1º

	anteriores	episódio pois retoma informações ditas nele.
Opinativo	Motivação para o podcast	Relatar motivos pessoais da narradora para contar e fazer o podcast.
	Opinião pessoal	Emitir a opinião da narradora sobre um fato ocorrido no podcast, alguma informação obtida de uma fonte ou de fatos pessoais de sua vida
	Relato pessoal	Relatar fatos da vida da narradora que se mesclam ou que fizeram com que ela contasse o podcast. Compartilhar partes da história de vida da narradora. Informações e caracterizações pessoais sobre a autora.
	Qualificação da fonte	Caracterização feita pela narradora sobre a fonte entrevistada ou apurada. Contém informações sobre a fonte geralmente sobre profissão, grau de relacionamento com Ângela e/ou Doca ou seu envolvimento com a história.
	Qualificação da personagem	Caracterização feita pela narradora sobre a personagem do podcast. Contém informações sobre a personagem geralmente descrevendo sua aparência, jeito de agir ou como era conhecida.
	Uso da linguagem	Indica uso de expressões populares.

Fonte: elaboração da autora

Na quarta e última etapa foi constituída de uma sistematização e comparação dos resultados das etapas anteriores para uma reflexão e inferências acerca do que significa de fato a subjetividade dentro de um *podcast* no formato narrativo, como ela se manifesta e que papel ocupa.

4. ANÁLISE

Neste capítulo, iremos evidenciar e contextualizar as marcas de subjetividade da narradora Branca Vianna identificadas na análise dos episódios: um, “O crime da Praia dos Ossos”; três, “Ângela”; e oito, “Rua Ângela Diniz”, do *podcast Praia dos Ossos*. Para isso, apresentamos a sinopse de cada episódio, uma tabela com a quantidade de marcas encontradas nas três categorias – Interação com o ouvinte, Opinativo e Rotina – e uma breve interpretação dos dados individuais de cada episódio.

Ao final deste capítulo, apresentamos uma sistematização dos dados obtidos por meio de cada categoria e seus respectivos marcadores, comparando-os e relacionando-os entre os três episódios

4.1 EPISÓDIOS ANALISADOS

4.1.1 Episódio 1: O crime da Praia dos Ossos

No dia 30 de dezembro de 1976, a socialite Ângela Diniz foi assassinada a tiros pelo então namorado na época, Doca Street. O primeiro episódio do *podcast Praia dos Ossos*, que possui 52 minutos e 06 segundos, inicia com a narração e ambientação de Branca Vianna, juntamente com a pesquisadora do *podcast*, Flora Thomson-DeVeaux, em Búzios, na Praia dos Ossos, a procura da casa onde a morte de Ângela aconteceu. As duas profissionais encontram a residência, que com o passar dos anos sofreu algumas modificações, e Flora lê o laudo do perito da cena do crime.

Conforme a narrativa de Branca Vianna, somos introduzidos no desenrolar dos fatos após o crime. Ouvimos sobre a fuga de Doca após matar Ângela, a movimentação que acontecia em Búzios entre a população e os turistas para saber os detalhes do acontecido e os planos de defesa arquitetados pelos advogados de Doca, para que ele pudesse ter uma pena mais branda. Até 1979, ano do julgamento do assassinato de Ângela, Doca foi tratado como um namorado que matou por amor ou por ciúme, e Ângela como a culpada por sua própria morte, pelo seu comportamento avançado, tida como uma mulher livre, que não gostava de ser controlada e sempre era o centro das atenções, como narrado no *podcast*.

Podemos conhecer alguns dos principais personagens e fontes do *podcast*, além de Ângela Diniz e Doca Street, como Gabriele Dyer, a alemãzinha de Búzios apontada como um envolvimento amoroso de Ângela, e Fritz d'Orey, melhor amigo da protagonista que concedeu entrevista ao *podcast*. Também podemos perceber os processos de produção e apuração para a construção do Praia, que contou com entrevistas, consulta a registros fotográficos e físicos, como recortes de colunas sociais e gravações de acervos de rádio. A narração de alguns desses registros foi feita por um locutor contratado pela produtora *Rádio Novelo*, pois muitos arquivos sonoros se perderam em decorrência do tempo. Além disso, somos conduzidos pela narração de Branca Vianna, que compartilha suas opiniões e motivações para contar a história do crime da *Praia dos Ossos*. Todo o enredo do episódio é sobre o crime, como ocorreu e o impacto causado na justiça e sociedade brasileira.

Neste primeiro episódio foram identificadas 159 unidades de registro como marcas de subjetividade, distribuídas entre as categorias “Interação com o ouvinte”, “Opinativo” e “Rotina”, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 1: Marcas de subjetividade no episódio 1: O crime da Praia dos Ossos

CATEGORIA	QUANTIDADE
Interação com o ouvinte	35 unidades de registro
Opinativo	48 unidades de registro
Rotina	76 unidades de registro

Fonte: elaboração da autora

A categoria “Rotina” se sobressai neste primeiro episódio pois ele é o que nos apresenta a história do crime, sendo assim os procedimentos, escolhas e dúvidas em relação à coleta de dados para a apuração do *podcast* possuem uma maior quantidade. Os trechos identificados como “Rotina” tornam transparentes o processo de produção e auxiliam o ouvinte em relação às datas, fontes entrevistadas, locais e procedimentos para construção do roteiro e gravações. Após, em maior evidência, estão os trechos “Opinativos”, que enfatizam a presença da narradora Branca Vianna no *podcast*. Branca consegue transmitir a quem está ouvindo seus motivos para contar o assassinato de Ângela e o seu envolvimento pessoal com o caso, relacionado ao movimento feminista da época, ao qual sua mãe era uma das

integrantes. Essa, inclusive, assinou, em seu nome e do da filha, à época uma adolescente, um manifesto intitulado “Contra o machismo na sociedade brasileira”. Branca também expressa suas opiniões acerca dos fatos, intercalando informação e qualificação, de acordo com seus próprios julgamentos.

Por fim, a categoria “Interação com o ouvinte” caracteriza o diálogo da narradora com aqueles que escutam o *podcast*. Apesar de conter quantidades menores que as demais categorias, nestes trechos Branca consegue localizar e pontuar os acontecimentos e pessoas presentes na história como forma de recapitulação, buscando garantir a permanência do ouvinte na audição do *podcast*. Por ser o primeiro episódio, esse relacionamento busca instigar a curiosidade e estabelecer um laço entre a produtora, a narradora e o ouvinte.

4.1.2 Episódio 3: Ângela

O terceiro episódio, que possui 01 hora 01 minuto e 19 segundos, busca recuperar e contar a história da “Pantera de Minas” antes dela receber tal fama. Branca e Flora viajam até Belo Horizonte à procura de registros e fontes que pudessem mostrar a vida da protagonista do *podcast* antes do crime, de sua vida na sociedade mineira da qual era muito popular desde muito jovem. Já no início do episódio, Branca cita todas as personagens pelas quais Ângela era conhecida entre as pessoas, como a “moça da missa das dez”, “grega que parou o baile de carnaval” e a “noiva do ano”.

Todos esses apelidos fizeram com que Ângela Diniz sempre tivesse um papel para representar e, por isso, nunca pudesse passar despercebida. Mesmo ainda sendo uma adolescente, ela foi ensinada pela mãe, Maria Diniz, como deveria se portar e o que tinha que fazer para conquistar um bom casamento. De acordo com o *podcast*, muito mais que truques de beleza, Ângela era o centro das atenções pelo modo que andava e falava.

Em muitos trechos de coluna social e de jornais, Ângela era retratada com uma menina mimada e isso nunca foi um problema para ela. A futura socialite mineira nunca se importou em ser o centro das atenções. Branca Vianna ressalta a relação que Ângela e Maria Diniz tinham uma com a outra, nesse terceiro episódio do *podcast*. Mãe e filha sempre aproveitavam da grande exposição e relevância para transpassar a imagem de que o futuro promissor da família estaria encaminhado, que Ângela seria uma boa esposa e que Maria foi uma boa mãe, passando para sua filha todos os ensinamentos de etiqueta. Maria Diniz foi uma gestora e matriarca extremamente dedicada, costurou os vestidos de Ângela, organizou

festas e arquitetou a vida conjugal que julgou ser a melhor para a filha, tudo isso pensando no que ela gostaria que Ângela se tornasse e no que a própria demonstrava ser.

Branca Vianna entrevistou algumas amigas de Ângela, que compartilham detalhes sobre como era a protagonista do *Praia dos Ossos*, os ritos e principais acontecimentos da juventude mineira da década de 50, bem como as percepções que as pessoas tinham da família Diniz. Celina Albano, Valéria Penna e Norma Tamm contaram à narradora do *podcast* sobre as aparições da Ângela em festas, o comportamento dela na escola, um rápido envolvimento amoroso com Parker Gilbert e o início do primeiro relacionamento que resultou no casamento da mineira com outra personalidade importante de Belo Horizonte, o construtor e filho de um ministro do Supremo Tribunal Federal, Milton Vilas Boas.

Com o passar do roteiro, também podemos vislumbrar sobre o período de casada de Ângela Diniz, sua vida como dona de casa e mãe de três filhos. Nesta altura, Ângela Diniz tinha 24 anos e, de acordo com uma crônica escrita por Roberto Drummond, em 1969, ela não parecia uma mulher realizada com o futuro ao qual se encontrava e ansiava por algo novo. Tempos depois, Ângela se separou de Milton, fato que foi tratado pela imprensa como uma bomba, mas que marcou o início da fase que deu o apelido famoso à mineira: “Pantera de Minas”.

Neste terceiro episódio foram identificadas 82 unidades de registro como marcas de subjetividade distribuídas entre as categorias “Interação com o ouvinte”, “Opinativo” e “Rotina” como mostra a tabela abaixo:

Tabela 2: Marcas de subjetividade no episódio 3: Ângela

CATEGORIA	QUANTIDADE
Interação com o ouvinte	11 unidades de registro
Opinativo	31 unidades de registro
Rotina	40 unidades de registro

Fonte: elaboração da autora

Novamente, neste episódio, a categoria “Rotina” se sobressai às demais devido aos dados e entrevistas realizadas com as fontes. Branca Vianna tenta evidenciar os processos de apuração do *podcast*, e principalmente nas entrevistas, para tornar o entendimento dos

ouvintes mais objetivo e de fácil compreensão dos passos tomados e os caminhos que estão sendo tecidos dentro do *podcast*. Também são introduzidas colunas, notinhas, crônicas e informações acerca da família Diniz, em especial a Maria Diniz, mãe da Ângela. Percebe-se que para o episódio três, a “Rotina” foi importante para manter a linha de entendimento e conhecimento do ouvinte, sobre como foi a juventude e a vida de Ângela Diniz antes da ascensão social e o crime, destacando sua expressiva exibição e notoriedade em todos os cenários dos quais ela fazia parte.

Com pouca diferença na quantidade de trechos encontrados em relação a categoria rotina, a categoria “Opinativo” evidencia as opiniões de Branca Vianna de forma a caracterizar, através de palavras, as situações, comportamentos e personalidades de Ângela, sua mãe e os demais personagens que aparecem ao longo do episódio. Ainda nesta categoria, ao final do episódio, Branca expressa sua indignação com a crônica escrita sobre o perfil de Ângela e uma coincidência entre a mineira e outra mulher, também vítima de feminicídio.

Na categoria “Interação com o ouvinte” podemos perceber a busca pela presença, mesmo que através das plataformas de áudio, dos ouvintes entre as entrevistas, como se Branca Vianna estivesse dialogando com eles. As poucas unidades identificadas mostram a tentativa de sempre lembrá-los de alguma informação já ouvida anteriormente, conduzi-los pela narrativa do *podcast* ou dividir uma dúvida, eventualmente com perguntas retóricas, colocando os ouvintes para pensar sobre os fatos ocorridos na vida da personagem. Há também, nesta categoria, um convite com maiores informações sobre quais plataformas e de que forma se pode acompanhar o *Praia dos Ossos*.

4.1.3 Episódio 8: Rua Ângela Diniz

No último episódio do *Praia dos Ossos*, Branca Vianna faz um balanço de toda a história contada no *podcast* e busca trazer o legado que ficou de Ângela Diniz, o impacto da sua morte para o movimento feminista e a justiça brasileira. O episódio, com 01 hora 04 minutos e 31 segundos, inicia com a mãe da narradora Branca Vianna, Branca Moreira Alves, lendo uma carta publicada em 1981, no jornal Tribuna da Imprensa do Rio de Janeiro, de um homem que leu uma reportagem no periódico sobre um grupo de mulheres engajadas na causa contra a violência de gênero. Nessa carta, o tal homem se mostra indignado com a atitude das mulheres e em uma de suas falas diz que “algumas delas devem ter levado uns

tapas dos maridos” e sentem-se “no direito de reclamar”, sendo que, “possivelmente, apanharam com razão”.

Esse contexto marca a introdução de uma das principais entrevistas do *podcast*. Branca Moreira Alves foi uma das militantes feministas que participaram dos movimentos antes, durante e após o julgamento de Doca Street, em prol da sua condenação. Apesar da atuação de sua mãe na militância, Branca conta que ela e sua irmã, Anna Vianna, não participavam de forma tão frequente e relembra o susto que levou ao se deparar com o seu nome assinado no manifesto mencionado no primeiro episódio. Branca Vianna entrevistou fontes especializadas para abordar temas como feminicídio, a tese da legítima defesa da honra e justiça restaurativa. Entre as fontes ouvidas estão, o advogado criminalista João Batista Cardoso; a socióloga feminista Jacqueline Pitanguy; o juiz sumariante do Primeiro Tribunal do Júri da Comarca de Belo Horizonte Marcelo Fioravante; e a juíza criminal Catarina Corrêa. Cada um deles compartilhou seus conhecimentos com a narradora a respeito dos temas e trouxe exemplificação de casos.

Ainda no oitavo episódio, além das discussões jurídicas e da presença da mãe de Branca Vianna, um grande marco no roteiro é o encontro de um registro com voz e imagem de Ângela Diniz. Branca compartilha com os ouvintes que uma das maiores frustrações, dela e da equipe, foi a falta de materiais que eles pudessem ter acesso, além das fotos, que fossem no formato de vídeo ou áudio. O mais perto que eles haviam chegado foi um áudio de um depoimento de Ângela à um juiz mineiro, cuja qualidade era péssima e em que ela apenas falava a frase “eu não tenho nada a falar”. Até que no final da apuração, Flora encontrou um vídeo de um comercial de cartão de crédito dos anos 70, com alguns artistas e entre eles está a Pantera de Minas.

Para encerrar o *podcast*, Branca Vianna, juntamente com Flora e o técnico Caio, tentam encontrar em Búzios a Rua Ângela Diniz, nomeada como forma de um memorial à socialite mineira. A rua foi encontrada, mas nela não existe nenhuma placa ou algo regulamentado informando que aquele logradouro homenageia a Pantera de Minas, porém, de acordo com a apuração, no conhecimento popular dos moradores da *Praia dos Ossos* em Búzios, aquela rua é chamada de Ângela Diniz.

Neste oitavo episódio foram identificadas 160 unidades de registro como marcas de subjetividade distribuídas entre as categorias “Interação com o ouvinte”, “Opinativo” e “Rotina” como mostra a Tabela a seguir:

Tabela 3: Marcas de subjetividade no episódio 8: Rua Ângela Diniz

CATEGORIA	QUANTIDADE
Interação com o ouvinte	32 unidades de registro
Opinativo	88 unidades de registro
Rotina	40 unidades de registro

Fonte: elaboração da autora

Diferente dos episódios um e três, a categoria “Rotina” não ultrapassou a categoria “Opinativo”. Neste roteiro é possível observar que a rotina se apresenta também pela presença significativa de fontes especializadas, a entrevista com a mãe de Branca Vianna, Branca Moreira Alves e a descrição do comercial do cartão de crédito. Através de referências de episódios anteriores, o é encaminhado para o encerramento da narrativa do *podcast*.

A categoria “Opinativo” apresenta maior número de registros pois traz uma fonte importante e de caráter pessoal da narradora e também suas motivações e interesses para produzir e narrar o *podcast*. Branca abre espaço para que sua mãe conte um pouco de sua trajetória no movimento feminista e se permite opinar sobre as colocações feitas por ela ou por outras fontes. A narradora também reconhece o esforço da luta das mulheres até conquistarem os direitos que possuímos hoje em dia.

Para a categoria “Interação com o ouvinte”, os trechos identificados demonstram ter sido pensados no sentido de finalizar uma conversa, mas sempre lembrando de termos e personagens já citados, de forma a mostrar ao ouvinte que ele pode se questionar e se sentir fazendo parte de todo o percurso de construção e apuração do *podcast*. Branca sempre procurou dividir suas dúvidas com aqueles que ouvem o *podcast*, fazendo-os não só ouvir a história, mas entendê-la por se sentirem parte dela durante toda a temporada.

4.2 MARCAS DE SUBJETIVIDADE

A partir da breve interpretação de dados de cada episódio, neste capítulo iremos sistematizar os marcadores das categorias a fim de promover uma discussão dos resultados obtidos. Serão apresentadas as descrições das categorias “Rotina”, “Interação com o ouvinte” e “Opinativo”. Demonstraremos as unidades de registro e os seus marcadores, com sucintas inferências, além de evidenciar a quantidade por meio de tabelas.

4.2.1 Rotina

Na categoria “Rotina”, foram agrupadas as unidades de registro que demonstram procedimentos de apuração, mas que possuem traços de subjetividade, no sentido de tornar os relatos que a narradora faz sobre a produção do *podcast* mais transparente aos ouvintes. Ao transmitir os passos dados pela equipe ou por si mesma, Branca Vianna tornou o processo de entendimento das práticas jornalísticas, mais acessíveis e de fácil interpretação.

Nesta categoria, foram definidos cinco marcadores para detalhar os trechos de subjetividade encontrados no roteiro. Entre os episódios um, três e oito, identificamos as seguintes quantidades por marcador como mostra a tabela abaixo:

Tabela 4: Marcadores de subjetividade por episódio categoria “Rotina”

MARCADORES	EPISÓDIO 1	EPISÓDIO 3	EPISÓDIO 8
Busca por fonte	3	1	7
Descrição	6	1	3
Descrição da fonte	5	17	3
Entrevista	10	6	15
Procedimentos	47	18	21

Fonte: elaboração da autora

O marcador “Procedimentos” ressalta a pesquisa, a coleta de dados, as ligações e outros processos de apuração realizados nos episódios. Em cada um dos três podemos perceber diferentes tipos de trabalhos realizados pela narradora e pela equipe. Como exemplo, no trecho do episódio um, a unidade “Essa gravação foi feita em junho de 2019” demonstra o período em que Branca Vianna estava com Flora Thomson-DeVeaux em Búzios, buscando a casa de Ângela. Já no episódio três, o trecho “A gente também não conseguiu encontrar fotos do Parker daquela época, mas aparentemente ele era um consenso entre as garotas” mostra a coleta de dados sobre a protagonista do *podcast*, seu ano de nascimento e de quem ela era filha. No oitavo, a unidade “A Flora e a nossa produtora Claudia Nogarotto

perderam um tempinho tentando investigar uma decisão municipal de 2010 que tinha dado o nome” marca a investigação de duas membros da equipe para encontrar algum documento que comprovasse o batizado da rua com o nome Ângela Diniz.

A “Busca por fonte” e a “Descrição”, marcadores com menor quantidade, revelam a procura por fontes para realizar entrevistas e a descrição de objetos, cenas e vídeos. Apesar de poucas unidades com estes marcadores, eles evidenciam e auxiliam o ouvinte a entender em que grau a história está e onde ela se passa. No marcador “Busca por fonte”, observamos as seguintes unidades: “A gente entrou em contato com Salomão, mas ele já estava mal de saúde e morreu poucos meses depois” (episódio 1); “Uma das nossas paradas mais importantes em BH pra recuperar a história da Ângela era a redação do jornal *Estado de Minas*” (episódio 3); “Foram muitas negociações – a gente chegou a marcar uma viagem que caiu em cima da hora...” (episódio 8).

Para o marcador “Descrição”, exemplificamos com os seguintes trechos: “A gente ficou a maior parte do tempo de costas pro mar, examinando uma fileira de casas a poucos passos da areia” (episódio 1); “Desse encontro ficou uma foto emblemática do Antenor Patiño – baixote, com um sorriso e os braços enlaçando a cintura da Ângela, que tá deslumbrante” (episódio 3); “No começo do plano, ela olha pro lado, como se estivesse lendo um papel.” (episódio 8).

Em “Descrição da Fonte”, Branca Vianna entrevista fontes especializadas em determinados assuntos importantes para o *podcast*, como por exemplo justiça restaurativa e o feminicídio, e pessoas que conheceram ou tiveram algum envolvimento com Ângela Diniz. A narradora traz as características dessas pessoas, de forma diferente. Ao invés de uma descrição padronizada, com o nome completo, idade e ocupação, ela introduz a fonte com qual tipo de relacionamento mantinha com a protagonista ou algum feito de sua vida. No episódio um, percebemos na unidade “Uma das pessoas para quem a Ângela aproveitava para ligar nessas horas era o Fritz d’Orey, um dos melhores amigos dela.” No episódio três, em “A gente conversou por telefone com uma colega da Ângela no Santa Marcelina, a Valéria Penna.”, e no episódio 8, “Eu ouvi o outro lado dessa história quando eu conversei com a Jacqueline Pitanguy – a socióloga feminista que cresceu brincando com a Ângela Diniz lá em BH.”.

Moraes e Gouveia (2018) ressaltam que os processos de apuração mudaram e que há uma valorização na forma de representar em detalhes a vida das fontes ou personagens,

humanizando-as, reconhecendo as emoções nas reportagens jornalísticas, por consequência a subjetividade.

No marcador “Entrevista”, demonstrando o significado da palavra, são as unidades de registro que marcam as entrevistas realizadas para o *podcast*. No primeiro episódio, consideramos como exemplo: “A gente foi conversar com o Paulo Badhu na casa dele, em Cabo Frio.”. No terceiro, “Eu procurei a historiadora Mary Del Priore, que tem uma linha de pesquisa sobre relacionamentos conjugais no Brasil.” E, no oitavo: “A gente ouviu de várias fontes, inclusive do próprio Doca, que tinha violência no relacionamento.”.

4.2.2 Interação com o ouvinte

A categoria “Interação com o ouvinte” busca evidenciar em suas unidades de registro, o esforço da narradora, em conversar com o ouvinte. A subjetividade de Branca Vianna está contida no vínculo que a trama, com a sua narrativa, tenta estabelecer em formato de diálogo com aqueles que a escutam. Quadros (2018) ressalta que o narrador é quem faz os acionamentos para o ouvinte poder participar da narrativa. No Praia, podemos observar como Branca compartilha seus questionamentos e instiga os ouvintes a permanecerem acompanhando o *podcast*.

Branca consegue criar um ambiente que integre o ouvinte na narrativa do *podcast*, de forma a sempre lembrar de algum fato já contado em episódios passados, mas que precisam ser lembrados ou com algum olhar sobre determinado acontecimento, visando dialogar com eles e fidelizar um relacionamento.

Nesta categoria, também foram definidos cinco marcadores para detalhar os trechos de subjetividade encontrados no roteiro. Entre os episódios um, três e oito, identificamos as seguintes quantidades por marcador como mostra a tabela a seguir:

Tabela 5: Marcadores de subjetividade por episódio categoria “Interação com o ouvinte”

MARCADORES	EPISÓDIO 1	EPISÓDIO 3	EPISÓDIO 8
Dúvida compartilhada	5	0	11
Guia de audição	8	7	3

Observação de caráter pessoal	21	2	9
Referência a episódios anteriores	0	2	9
Referência a informações anteriores	2	0	0

Fonte: elaboração da autora

O marcador “Observação de caráter pessoal” possui maior quantidade nos episódios pelo fato de amarrar uma interpretação da narradora em forma de diálogo com o ouvinte. Ao escutarmos os trechos que possuem esse marcador, percebemos que Branca Vianna faz ponderações, mas em tom de conversa, como se estivesse frente a frente com quem está escutando o *podcast*. No episódio um, o exemplo desse marcador aparece em “Mas a gente sabe que o relacionamento tinha ficado tóxico bem antes daquele dia na praia”. No três, “Escutando essas histórias, não é simples separar o que a Ângela queria do que a mãe dela queria”, e no oito “Então você pode imaginar que a defesa dos direitos das mulheres era uma linha fundamental da minha criação – tipo escovar os dentes e estudar pra prova”.

A “Dúvida Compartilhada” evidencia ainda mais o caráter de conversa com o ouvinte, mas é utilizado em unidades de registro em que Branca faz uma pergunta, questionando a si e os ouvintes. No episódio três, não foram identificados trechos que possuam esse marcador, pois a narrativa deste episódio dá mais foco a entrevistas e histórias da vida de Ângela Diniz, quando ainda era jovem, não fazendo com que a narradora questione os fatos. No episódio um, podemos observar o marcador como exemplo na unidade de registro “Sabe essas pessoas que você não entende direito por que são famosas, mas estão sempre nas revistas?”; e no episódio oito, na unidade de registro “Ninguém tem a ilusão de que eles vão sair melhores de lá, certo?”.

O “Guia de audição”, como a própria expressão sugere, é um marcador que demonstra uma instrução ao ouvinte. Os trechos identificados com esse marcador orientam o ouvinte sobre o que ele irá ouvir naquele episódio ou até mesmo no encerramento, sobre o que irá tratar o próximo episódio. Também convida-o a prestigiar fotos e informações extras, em outras plataformas que a *Rádio Novelo* produz conteúdo sobre o Praia. Exemplos desse marcador podem ser expressado nos seguintes trechos do episódio um: “Este primeiro episódio é sobre um fato penal, como dizem nos autos: o assassinato de Ângela Maria

Fernandes Diniz, por Raul Fernando do Amaral Street..”, no três “Então hoje a gente vai pra Belo Horizonte”, e no oito “O *Praia dos Ossos* termina aqui, mas você pode continuar a conversa com a gente: dentro da página da *Rádio Novelo* no Facebook, tem um grupo pros ouvintes do *podcast*.”

Os marcadores “Referência a episódios anteriores” e “Referência a informações anteriores” identificam retomadas de informações já mencionadas no *podcast*, em episódios anteriores ou no próprio episódio em análise, respectivamente. O primeiro episódio possui duas unidades com o marcador “Referência a informações anteriores”, que registra trechos em que Branca recapitula fatos narrados no próprio episódio, como: “Lembra que, pro delegado Watzl, os maiores problemas da comunidade naquele verão seriam os hippies, os excursionistas, os tóxicos e os ambulantes?”. Esse marcador não foi encontrado nos episódios três e oito, onde, por outro lado, identificamos trechos classificados como “Referência a episódios anteriores”, em que a narradora instiga o ouvinte a rememorar informações abordadas nos episódios anteriores. Podemos citar como exemplos deste marcador, no episódio três: “Lembra que no julgamento, o advogado do Doca, o Evandro Lins e Silva, falou que Ângela fez um testamento muito jovem?”, e, no oito: “No quarto episódio, eu contei de quando a gente chegou mais perto disso, ouvindo o áudio distorcido de um depoimento da ngela a um juiz em Minas.”

4.2.3 Opinitivo

Dando sentido ao nome escolhido para essa categoria, a “Opinitivo” revela unidades de registro que expressam a opinião de Branca Vianna acerca dos acontecimentos e fatos da história de Ângela Diniz. Segundo Silva (2010), é por meio da subjetividade que podemos dar significado aos fatos, colocando as emoções e sentimentos sobre eles. A narradora conta aos ouvintes seus motivos pessoais que a levaram a narrar e produzir o *Praia dos Ossos* e exprime seus pensamentos, intercalando informação com relatos pessoais.

Branca Vianna, na narrativa do *podcast*, caracteriza as personagens e situações por meio das palavras que escolhe para poder afirmar sua presença subjetiva no Praia. Seu papel como narradora vai além de contar o crime, mas também de envolver o ouvinte e deixar sua marca.

Nesta categoria, foram definidos seis marcadores para detalhar os trechos de subjetividade encontrados no roteiro. Entre os episódios um, três e oito, identificamos as seguintes quantidades por marcador como mostra a tabela a seguir:

Tabela 6: Marcadores de subjetividade por episódio na categoria “Opinativo”

MARCADORES	EPISÓDIO 1	EPISÓDIO 3	EPISÓDIO 8
Motivação para o podcast	0	0	6
Opinião pessoal	33	29	48
Relato pessoal	11	0	32
Qualificação da fonte	0	0	2
Qualificação da personagem	0	6	1
Uso da linguagem	5	1	5

Fonte: elaboração da autora

O marcador “Motivação para o *podcast*” apenas foi identificado em trechos do último episódio. Esse marcador relata os motivos pelos quais Branca Vianna decidiu fazer o *Praia dos Ossos*, por isso que entre os três episódios analisados, as unidades de registro com esse marcador aparecem apenas no oitavo, que encerra o *podcast*. Podemos observar esse marcador nos seguintes trechos de exemplo: “A história que eu queria contar neste *podcast* é a da vida e da morte de uma mulher e dos dois julgamentos do assassino dela” e “Uma das razões de ser do *Praia dos Ossos* era contar a história dessa mulher nada feminista, mas cujo assassinato motivou um capítulo importante da história do feminismo brasileiro”.

Os marcadores “Qualificação da fonte” e “Qualificação da personagem” possuem quase a mesma finalidade, mas se destinam a sujeitos diferentes. Na primeira, utilizamos esse marcador em trechos onde há caracterização de uma fonte entrevistada ou apurada. Branca

descreve a fonte com qual a sua profissão ou ocupação atual, grau de relacionamento com Ângela Diniz e/ou Doca Street, ou seu envolvimento com a história, porém há subjetividade na escolha de como essa fonte foi descrita. Neste caso, esse marcador foi utilizado apenas no episódio oito para identificar a mãe da narradora do *podcast*, Branca Moreira Alves, sem ainda citar seu nome. Citamos esses trechos como exemplo: “Essa entrevistada era uma daquelas mulheres que andavam botando minhoca na cabeça de outras mulheres.” e “Essa feminista tinha um bom motivo pra não querer ser entrevistada por mim”.

Já no segundo marcador “Qualificação da personagem”, a palavra “personagem” foi escolhida para indicar a caracterização das personalidades que integraram a história do Praia, antes ou depois do crime da *Praia dos Ossos*, mas que não foram entrevistadas para o *podcast* (por isso não foram classificadas como fontes). Identificamos trechos com esse marcador nos episódios três e oito. No primeiro não há trechos com esse marcador, pois as personagens que, de certa forma, se envolveram com o caso, não foram entrevistadas ou já haviam falecido. Podemos observar como exemplo, no terceiro episódio, o trecho: “No duelo entre o pé de valsa boa-pinta e o construtor bom partido, venceu o Milton.”, e, no oitavo episódio, o único trecho: “No comercial, ela tá bronzada, tá sorridente, tá linda, tá absolutamente cativante”.

Para o “Relato pessoal” o intuito era marcar trechos que trouxessem fatos e acontecimentos da vida de Branca Vianna que se mesclasse com a história do *podcast*. Sendo este um dos marcadores que mais contempla a subjetividade da narradora, Branca Vianna compartilhou com os ouvintes um pouco da sua trajetória de vida. No primeiro episódio um exemplo dessa unidade de registro é “Quando o crime aconteceu, eu tinha só 14 anos.”, e, no oitavo: “A minha mãe já militava na causa feminista desde antes da morte da Ângela”. No terceiro episódio não foi identificado nenhum trecho com esse marcador, o que evidencia que o foco do roteiro desse episódio era contar sobre a história de Ângela Diniz.

Já em “Opinião pessoal”, Branca Vianna expõe seu ponto de vista sobre alguns fatos tratados no *podcast*, de falas de entrevistas com fontes e até mesmo eventos pessoais, pelos quais repensou enquanto fazia o Praia. Este é o marcador que mais indica a subjetividade da narradora, onde ela manifesta o que pensava sobre determinada informação e ainda assim manter a objetividade do *podcast*, narrando o crime da *Praia dos Ossos* e os eventos que sucederam o mesmo. No episódio um percebemos um exemplo desse marcador na unidade de registro: “Eu só consigo pensar que talvez tivesse uma vontade generalizada de achar algum motivo pro crime além do ciúme exagerado do Doca.”, no três, em: “Sabendo o que ia

acontecer depois, é muito mórbido ler essa nota.”, e no oito em: “É difícil segurar um riso irônico – e triste também – quando a gente vê a distância entre o que a lei prega e as imagens de celas superlotadas que a gente tá acostumada a ver nas reportagens de tevê”.

O marcador “Uso de linguagem” foi empregado em unidades de registro que tivessem alguma expressão vinda de expressões populares, como ditados ou provérbios de uso cotidiano. Identificamos esse marcador no exemplo do episódio um em: “Já que o Pierre tinha sido um boato, outra personagem foi chamada pro olho do furacão na investigação do crime”, no três em: “Mas ainda tinha muita água pra rolar”, e no oito em: “E a rua Ângela Diniz entrou nesse balaio”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como problema de pesquisa a busca da compreensão de como se manifesta a subjetividade do narrador em podcasts narrativos, trazendo como objetivo geral o foco em analisar a presença e as marcas de subjetividade da narradora Branca Vianna no *podcast Praia dos Ossos*. A partir do mapeamento das transcrições e da escuta dos três episódios que compõem o objeto empírico, identificamos trechos que chamamos de unidades de registro, classificadas em três categorias.

Atendendo os objetivos específicos, podemos apontar que a subjetividade do narrador enriquece a narrativa da qual ele se propõe a realizar, pois consegue mesclar relatos e opiniões pessoais de forma a dar sentido ao ouvinte. Também podemos apontar que a interação com o ouvinte e a descrição dos procedimentos adotados na construção do *podcast*, aproximam o narrador do ouvinte, pois este constrói uma relação de continuidade e transparência. Quanto aos formatos de *podcasts*, o gênero narrativa da realidade, que corresponde ao objeto empírico desta pesquisa, ressalta as características que o compõem para que seja classificado nesta estrutura, como o fato marcante que é o grande arco da história - no caso do *Praia dos Ossos*, seria o assassinato de Ângela Diniz - e a rotina de produção e apuração do veículo que está construindo o produto - a Produtora *Rádio Novelo* - fazendo com que o narrador recorra amplamente a descrição dos detalhes, principalmente sobre as fontes.

Por meio da Análise de Conteúdo, conforme Bardin (1977), sistematizamos os dados em tabelas e quadros, a fim de quantificar e qualificar os trechos em que a subjetividade de Branca Vianna se manifesta quando exprime sua opinião acerca dos fatos da história do *podcast*, quando interage com os ouvintes e quando é mostrada a rotina para a produção e apuração dos dados para o *Praia dos Ossos*. Optamos por não analisar as camadas sonoras do *podcast* - uso de trilhas, efeitos sonoros e da própria entonação de voz da narradora - pois esta seria uma pesquisa que demandaria mais tempo e estudo, visto a profundidade que este assunto aborda dentro das narrativas de *podcast*. No processo de análise, ao categorizarmos as unidades de registro das transcrições de cada episódio, percebemos a necessidade de refinarmos as categorias e diante disso, criamos os marcadores.

Na categoria “Rotina”, todas as unidades de registro de cada um dos três episódios, receberam ao menos um marcador, dos cinco que estabelecemos para essa categoria. Esse resultado demonstra que a presença da subjetividade no cotidiano de apuração e construção

da narrativa permite que o narrador possa colocar as suas interpretações acerca do *podcast*, fazendo observações pessoais e guiando o ouvinte como se estivesse dialogando em um mesmo ambiente. Quando Branca Vianna relata os passos que ela e a equipe da *Rádio Novelo* fizeram para produzir o *podcast*, facilita a quem escuta entender em que circunstâncias foram apuradas as informações, quem foram os entrevistados, que registros restaram daquela época e o quão trabalhosa é a construção de um material sonoro, demandando tempo, profissionais e pesquisa.

Nos trechos da categoria “Interação com o ouvinte” nem todos os episódios receberam os marcadores determinados para esta categorização. O marcador “Dúvida compartilhada” não aparece em nenhum trecho do terceiro episódio. Isso acontece devido ao objetivo que aquele episódio tinha ao contar a história de Ângela Diniz, antes de se tornar a Pantera de Minas, não abrindo espaço para que Branca Vianna tivesse alguma dúvida, mas sim que apenas pudesse narrar os eventos da juventude de Ângela, sua vida social, amizades e relacionamentos. Apesar disso, a quantidade de trechos dessa categoria registrados no capítulo de análise - 35 no episódio um, 11 no episódio três e 32 no episódio oito - revela que o *podcast*, mesmo sendo uma material previamente gravado e disponível em uma plataforma de *streaming*, busca a interação da narradora Branca Vianna com os ouvintes. No momento em que ela faz uma pergunta, coloca uma observação sobre determinado fato, guia o ouvinte a procurar mais conteúdo sobre o *podcast* em outras plataformas e convida-o a acompanhar os demais episódios, se estabelece uma tentativa de fidelização e de relacionamento, como citamos no capítulo teórico deste trabalho. Mesmo não sendo uma audiência que tem a possibilidade de dialogar ao vivo, como no rádio, há uma tentativa da narradora e da equipe de integrar os ouvintes, fazendo com que eles se sintam parte da narrativa.

A terceira categoria, que chamamos de “Opinativo”, foi a que mais nos trouxe marcas mais evidentes de subjetividade da narradora. Branca Vianna consegue colocar seus apontamentos e opiniões sobre os acontecimentos do *podcast*, indicando que a narradora faz parte da narrativa que ela se propõe em contar e pode expressar suas emoções e concepções, pois isso não desvaloriza o que está sendo contado e auxilia na humanização dos fatos, caracterizando-os como algo mais próximo do ouvinte.

Apontamos que algumas unidades de registro tiveram mais de um marcador, mostrando que a subjetividade está presente em decorrência das interpretações que foram feitas acerca desses trechos. Citamos como dificuldade no processo de construção deste trabalho, a categorização de algumas unidades de registro. Foi preciso muitas avaliações de

cada trecho e este movimento foi além de tentar identificar as manifestações subjetivas de Branca Vianna, isto é, a definição de cada trecho também acionou a subjetividade da autora e as interpretações que tivemos de fazer sobre cada unidade.

Os autores citados no decorrer deste trabalho serviram como base para a construção da análise, porém, ainda sentimos a falta de campo de pesquisa voltada para o embasamento de uma interpretação e método de como trabalhar os conceitos da subjetividade presentes no narrador, no sentido de categorização de dados.

Apesar disso, saliento que as categorias e os marcadores explicados na metodologia e utilizados na análise, podem servir como pistas para continuar mapeando episódios não somente do *Praia dos Ossos*, mas também de outros podcasts narrativos em que os pesquisadores busquem identificar as marcas de subjetividade do narrador.

O *Praia dos Ossos* é um objeto sonoro muito rico, que contribuiu para a pesquisa deste trabalho e demandou o reconhecimento da subjetividade da própria autora para a criação das etapas de análise, ancoradas na Análise de Conteúdo, conforme Bardin (1977). Desde a escolha dos episódios a serem analisados até a categorização de cada unidade de registro, demonstrou-se que o campo da subjetividade em narrativas jornalísticas carece de aprofundamento em pesquisa, para realização das interpretações que foram propostas sobre determinado objeto. Entretanto, podemos perceber que a relação da subjetividade com *podcasts* narrativos, acontece na forma como o narrador consegue colocar suas opiniões sobre a história quando faz acionamentos aos detalhes que integram a narrativa, como entrevistas, recortes de outros produtos jornalísticos e no relacionamento que se estabelece com o ouvinte, sempre recapitulando e o guiando no enredo que está sendo contado.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977
- BONINI, Tiziano. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. Tradução: Marcelo Kischinhevsky. **Radiofonias: Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 13-32, jan./abr. 2020.
- CARVALHO, Paula Marques. Podcast: Novas possibilidades sonoras na Internet. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011, Recife. **Anais...** Recife: Intercom, 2011, p 1-11.
- CASTRO, Gisela GS. Podcasting e consumo cultural. Revista **E-Compós**. [S. l.], v. 4, p. 1-18, 2005.
- CUNHA, Karenine Miracelly Rocha da; MANTELLO, Paulo Francisco. Era uma vez a notícia: Storytelling como técnica de redação de textos jornalísticos. **Comunicação Midiática**, Bauru, v. 9, n. 2, p.56-67, maio/agosto 2014.
- DAVID, Hadassa Ester. A narrativa jornalística: objetividade versus subjetividade. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Intercom, 2015, p 1-15.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Que emoção? Que emoção!**. Lisboa: KKYM, 2013.
- HUERTAS, Carolina. Estamos à beira do podcast se tornar mainstream, diz diretor do Spotify. **Meio e Mensagem**. 2022. Disponível em:><https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2022/04/01/estamos-a-beira-do-podcast-se-tornar-mainstream-diz-diretor-do-spotify.html>< Acesso em: 18 de julho de 2022.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo. **Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación**, v. 5, n. 10, p. 73-80, 2018.
- LOPES, Leo. **Podcast: guia básico**. Nova Iguaçu: Marsupial, 2015.
- MENDONÇA, Felipe Viero Kolinski Machado. “Porque todo ponto de vista é a vista de um ponto”: a subjetividade como um dos lugares para compreender o jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 18, n. 1, p. 109-120, 2021.
- MORAES, Fabiana. Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral. **Revista Extraprensa**, v. 12, n. 2, p. 204-219, 2019.
- MORAES, Fabiana; GOUVEIA, Diego. Para além do robô, a reportagem:pavimentando uma metodologia do jornalismo de subjetividade. In: MAIA, Marta; MARTINEZ, Monica (Orgs.). **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas metodológicas**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2018, p.140-159.
- MORAES, Fabiana; VEIGA DA SILVA, Marcia. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 28., 2019, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2019. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2019/papers/a-objetividade-jornalistica-tem-raca-e-tem-genero--a-subjetividade-como-estrategia-descolonizadora>> Acesso em: 25 jun. 2022.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013. 254 p.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Intercom, 2005. p. 05-09.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. **Revista E-Compós**, [S. l.], v. 1, p. 02-06, 2004.

NOVELO, Rádio. Transcrição episódio 1. O crime da Praia dos Ossos. **Praia dos Ossos**. 2020a. Disponível em: <<https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/o-crime-da-praia-dos-ossos>>. Acesso em: 16 de julho. 2022

NOVELO, Rádio. Transcrição episódio 2. O Julgamento. **Praia dos Ossos**. 2020b. Disponível em: <<https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/o-julgamento>>. Acesso em: 16 de julho. 2022

NOVELO, Rádio. Transcrição episódio 7. Quem Ama Não Mata. **Praia dos Ossos**. 2020c. Disponível em: <<https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/quem-ama-nao-mata>>. Acesso em: 16 de julho. 2022

PANDEMIA PROVOCA aceleração do consumo de podcasts no Brasil, revela pesquisas. **Extra**. 2021. Disponível em: <<https://extra.globo.com/economia-e-financas/pandemia-provoca-aceleracao-do-consumo-de-podcasts-no-brasil-revela-pesquisa-25120095.html>> Acesso em: 18 de julho de 2022.

QUADROS, Mirian Redin de. **O lugar do ouvinte nas narrativas radiofônicas**: concessão de voz e critério de acionamento dos anunciadores. 2018. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado)–Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática, Faculdade de Comunicação Social, UFSM, Santa Maria.

RESENDE, Fernando. O jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista. **Revista Contracampo**, n. 12, p. 85-102, 2005.]

ROVAROTO, Isabela. Brasil é o 3º país que mais consome podcast no mundo. **Exame**. 2022. Disponível em: <<https://exame.com/pop/brasil-e-o-3o-pais-que-mais-consome-podcast-no-mundo/>> Acesso em: 18 de julho de 2022.

SALEMME, Maria Filomena. A Era do Podcast-Uma reflexão sobre o potencial do mercado no podcast no Brasil. . In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41., 2018, Joinville. **Anais...** Joinville: Intercom, 2018, p 1-15.

SILVA, Marcia Veiga da. Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias. 2010. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, UFRGS, Porto Alegre.

SILVA, Míriam Cristina Carlos. O narrador e as narrativas midiáticas: entre o fato e o acontecimento. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 22., 2013, Salvador. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2013.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 74-90.

VIANA, Luana. O áudio pensado para um jornalismo imersivo em podcasts narrativos. **Comunicação Pública**, v. 16, n. 31, 2021a.

VIANA, Luana. O jornalismo em primeira pessoa em podcasts narrativos: encontros e tensões deontológicas. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44., 2021, Virtual. **Anais...** Recife: Intercom, 2021b, p 1-15.

VIANA, Luana. O uso do storytelling no radiojornalismo narrativo: um debate inicial sobre podcasting. **RuMoRes**, v. 14, n. 27, p. 286-305, 2020.

VIANA, Luana; CHAGAS, Luã José Vaz. Categorização de podcasts no Brasil: uma proposta baseada em eixos estruturais a partir de um panorama histórico. In: ENCONTRO NACIONAL DA HISTÓRIA DA MÍDIA, 13., 2021, virtual. **Anais...** Juiz de Fora: UFJF/Alcar, 2021, p. 1-16.

VICENTE, Eduardo. Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio. In: SOARES, R. L., SILVA, G. (Orgs). **Emergências periféricas em práticas midiáticas**. São Paulo: ECA/USP, 2018, p. 88-107. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002906541.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2022.

APÊNDICE A

TABELA DE ANÁLISE - EP 1: O CRIME DA PRAIA DOS OSSOS

TRECHO	CATEGORIA	CONTEXTO	MARCADORES
Ou essa aqui?	Rotina	Branca está com Flora na Praia dos Ossos em Búzios, procurando a casa em que Ângela foi assassinada	Procedimentos
Essa aqui, não?	Rotina	Branca está com Flora na Praia dos Ossos em Búzios, procurando a casa em que Ângela foi assassinada	Procedimentos
Essa gravação foi feita em junho de 2019.	Rotina	Período em que ocorreu a gravação da viagem de Branca e Flora pra Búzios	Procedimentos
Naquele mês, eu fui pra Búzios com a Flora Thomson-DeVeaux, pesquisadora deste podcast.	Rotina	Período em que ocorreu a gravação da viagem de Branca e Flora pra Búzios	Procedimento
Era a primeira vez da Flora lá, e a minha primeira vez depois de muitos anos.	Opinativo	Branca fala que Flora foi pela primeira vez a Praia dos Ossos para poder produzir o podcast, mas que ela já havia ido outras vezes	Relato pessoal
Mas a Praia dos Ossos continuava do jeito que eu me lembrava, com aquela cara de vila de pescador cenográfica.	Opinativo	Opinião da Branca sobre a Praia dos Ossos permanecer igual ao que ela lembrava	Relato pessoal Opinião pessoal
A gente ficou a maior parte do tempo de costas pro mar, examinando uma fileira de casas a poucos passos da areia.	Rotina	Branca descreve como ela e Flora estavam enquanto procuravam a casa em que Ângela foi assassinada	Descrição
Parecia que a gente tava tentando identificar o culpado naquelas filas de suspeitos na delegacia, sabe?	Interação com o ouvinte	Branca fala aos ouvintes de como ela se sentia enquanto procurava a casa da Ângela	Observação de caráter pessoal Dúvida compartilhada
Depois de meses de apuração, finalmente a gente tava chegando perto.	Rotina	Branca está com Flora na Praia dos Ossos em Búzios, procurando a casa em que Ângela foi assassinada	Procedimentos
Aqui, numa das casas dessa praia, a Ângela Diniz foi assassinada em 1976.	Rotina	Branca está com Flora na Praia dos Ossos em Búzios, procurando a casa em que Ângela foi assassinada	Procedimentos

Eu vou... não tem ninguém, a gente já sabe que não tem ninguém, então eu vou olhar por cima do...	Rotina	Branca diz a Flora que vai se aproximar da casa em que Ângela foi assassinada	Procedimentos
Quase no final da prainha, a gente achou.	Rotina	Branca e Flora encontram a casa em que Ângela foi assassinada	Procedimentos
Mesmo espiando por cima do muro, não dava para ver muita coisa.	Rotina	Branca espia por cima do muro da casa	Procedimentos
Mas dava uma sensação que era, ao mesmo tempo, estranha e familiar.	Opinativo	Branca se sente familiarizada com a casa ao mesmo tempo que sente uma sensação estranha de estar lá espiando por cima do muro	Opinião pessoal
A sensação era de que, se a gente abrisse o portão e entrasse pelo corredor, ia dar de cara com um corpo no chão.	Opinativo	Branca explica a sensação estranha que sentia em relação a casa	Opinião pessoal
Se fosse ficção, a gente ia achar exagero do roteirista	Opinativo	Flora lê o laudo do perito e nele diz que no momento do crime, Ângela Diniz usava um biquíni com uma pantera estampada e Branca acha que se fosse ficção, seria um exagero	Opinião pessoal
Sabe essas pessoas que você não entende direito por que são famosas, mas estão sempre nas revistas?	Interação com o ouvinte	Branca pergunta aos ouvintes se eles conhecem o tipo de pessoa que a Ângela Diniz era na época, como se fosse uma influencer atual	Dúvida compartilhada
E eu vou dizer uma coisa já: se você tá pensando naquela mulher que foi à praia de biquíni quando tava grávida e escandalizou todo mundo, esquece	Interação com o ouvinte	Branca esclarece que Ângela não foi a mulher que foi a praia de biquíni grávida, e que quem o fez foi Leila Diniz	Observação de caráter pessoal
Eles iam começar uma nova vida, mais simples, longe das badalações da ponte aérea.	Opinativo	Branca fala sobre o relacionamento de Ângela e Doca, quando ambos pretendiam comprar a casa na Praia dos Ossos dias antes do crime acontecer	Opinião pessoal
Quando o crime aconteceu, eu tinha só 14 anos.	Opinativo	História de vida da Branca em paralelo ao crime	Relato pessoal
E eu não tinha, como aliás continuo não tendo, nenhum interesse especial por histórias policiais.	Opinativo	Branca diz que não tem interesse em contar histórias policiais ou coluna de fofoca, que essa não foi a sua motivação em contar a história da Ângela	Relato pessoal
E muito menos por coluna de fofoca.	Opinativo	Branca diz que não tem interesse em contar histórias policiais ou	Relato pessoal

		coluna de fofoca, que essa não foi a sua motivação em contar a história da Ângela	
Mas não foi isso que me chamou a atenção.	Opinativo	Branca fala que o crime ficou famosos por envolver pessoas de coluna social mas que isso não chamou a atenção dela	Relato pessoal
Esse caso virou um divisor de águas na vida de muitas mulheres.	Opinativo	Branca diz que o crime da Praia dos Ossos impactou a vida de muitas mulheres e usa o termo "divisor de águas"	Uso da linguagem Opinião pessoal
Eu sou a Branca Vianna, e esse é o Praia dos Ossos.	Interação com o ouvinte	Branca se apresenta e apresenta o podcast aos ouvintes	Observação de caráter pessoal
Este primeiro episódio é sobre um fato penal, como dizem nos autos: o assassinato de Ângela Maria Fernandes Diniz, por Raul Fernando do Amaral Street.	Interação com o ouvinte	Branca informa aos ouvintes sobre o que se trata o episódio 1 do podcast	Guia de audição
Vamos conhecer eles dois melhor ao longo da série.	Interação com o ouvinte	Branca fala aos ouvintes que eles irão conhecer os personagens ao longo do podcast	Guia de audição
Mas neste primeiro momento, o que importa é a história do crime.	Interação com o ouvinte	Branca informa aos ouvintes sobre o que se trata o episódio 1 do podcast	Guia de audição
A pesquisa pra este podcast começou em janeiro de 2019.	Rotina	Branca fala do processo de apuração e construção do podcast	Procedimentos
Foram mais de sessenta entrevistados, centenas de reportagens, mais os autos do processo, e a gente visitou todos os arquivos e acervos de rádio e tevê possíveis.	Rotina	Branca fala do processo de apuração e construção do podcast	Procedimentos
Mas infelizmente muita coisa se perdeu, principalmente o acervo das emissoras de rádio.	Rotina	Branca fala do processo de apuração e construção do podcast	Procedimentos
Pra contornar essa falta de registros sonoros da época, a gente pediu para um locutor ler notícias de jornais impressos.	Rotina	Branca pediu para um locutor ler as notícias da época pois não havia registros sonoros	Procedimentos
Os meios de comunicação do país inteiro mobilizaram repórteres para cobrir o caso.	Rotina	Branca fala sobre a cobertura de imprensa feita na época sobre o crime e a morte de Ângela	Procedimentos

Tinha câmara pra receber o corpo da Ângela em Belo Horizonte.	Rotina	Branca fala sobre a cobertura de imprensa feita na época sobre o crime e a morte de Ângela	Procedimentos
Tinha câmara dentro da igreja na missa do sétimo dia dela.	Rotina	Branca fala sobre a cobertura de imprensa feita na época sobre o crime e a morte de Ângela	Procedimentos
Tinha câmara até do lado da cova na hora do enterro, tanto que um dos filhos dela jogou uma pedra no cinegrafista.	Rotina	Branca fala sobre a cobertura de imprensa feita na época sobre o crime e a morte de Ângela	Procedimentos
Enquanto isso, Búzios estava às voltas com a notícia mais escandalosa desde que a Brigitte Bardot resolveu fazer topless ali nos anos '60.	Opinativo	Branca faz um comparativo com a grandiosidade que foi o crime na época para Búzios com o topless de Brigitte Bardot	Opinião pessoal
Mas há 43 anos, não passava de uma vilazinha de pescadores, com praias estonteantes e desertas.	Opinativo	Branca caracteriza como Búzios era na época do crime	Opinião pessoal
Naquela época, Búzios não era nem município ainda.	Rotina	Dado de apuração sobre Búzios	Procedimentos
Fazia parte da cidade de Cabo Frio, por isso a investigação do crime foi tocada pela delegacia de Cabo Frio.		Dado de apuração sobre Búzios	Procedimentos
Aí um assassinato de repercussão nacional cai no colo dele.	Opinativo	Branca usa a expressão “cai no colo” para referir que o crime teve como responsável o delegado Watzl e que ele achava que a temporada de verão em Búzios seria tranquila	Uso de linguagem
O delegado – que já morreu – falou que prender o Doca seria “uma questão de honra” para a polícia de Cabo Frio.	Rotina	Dado sobre o delegado Watzl	Procedimentos
Finalmente, no dia 16 de janeiro, 17 dias depois do crime, o Doca apareceu.	Rotina	Data em que Doca depois de dias foragido, retornou a público	Procedimentos
Mas apareceu pra TV Globo, não pra polícia.		Doca concedeu uma entrevista a TV Globo antes de ir a delegacia se entregar	Procedimentos
O advogado do Doca na época, Paulo José da Costa Jr., escreveu sobre isso nas memórias dele.	Rotina	Advogado de defesa do Doca em Búzios	Descrição da fonte

Na mesma época, ele também falou pra revista <i>Manchete</i> .	Rotina	Doca concedeu uma entrevista para a revista manchete	Procedimentos
O entrevistador foi o jornalista Salomão Schwartzman	Rotina	Jornalista responsável por entrevistar o Doca para revista Manchete	Descrição da fonte
A gente entrou em contato com Salomão, mas ele já estava mal de saúde e morreu poucos meses depois.	Rotina	Branca e a equipe da produtora tentaram entrar em contato com o jornalista mas ele havia falecido por já estar mal de saúde	Busca por fonte
O texto que saiu do encontro dele com o Doca é uma mistura perfeita de coluna social e reportagem policial.	Opinativo	Branca caracteriza o texto que o jornalista Salomão escreveu de sua entrevista com o Doca	Opinião pessoal
A descrição do assassino soa como um ensaio de moda meio trágico	Opinativo	Branca caracteriza o texto que o jornalista Salomão escreveu de sua entrevista com o Doca	Opinião pessoal
Só queria dizer que essa reportagem ganhou uma menção honrosa no Prêmio Esso de 1977.	Interação com o ouvinte	Branca faz uma ressalva sobre a reportagem de Salomão notificando os ouvintes	Observação de caráter pessoal
Na manhã do dia 18 de janeiro de 77, logo depois das entrevistas, o Doca deu entrada numa clínica médica em São Paulo – e foram os médicos dessa clínica que ligaram para a polícia.	Rotina	Dado de apuração (data) sobre a internação do Doca antes de ser preso	Procedimentos
Quando o Doca chegou no aeroporto de Congonhas pra embarcar pro Rio, já tinha um enxame de jornalistas pra registrar o momento.	Opinativo	Branca fala sobre a recepção de Doca no aeroporto em SP e para mencionar a grande quantidade de jornalistas usa o termo “enxame”	Uso de linguagem
Quando o Doca chegou no aeroporto de Congonhas pra embarcar pro Rio, já tinha um enxame de jornalistas pra registrar o momento	Rotina	Branca fala sobre a recepção de Doca no aeroporto em SP	Procedimentos
Esse áudio é da Jovem Pan	Rotina	Dado de apuração (áudio) sobre o embarque de Doca em SP	Procedimentos
Esse é o Paulo Roberto Pereira, também conhecido como Paulo Badhu, um advogado de Cabo Frio que fez parte da defesa do Doca.	Rotina	Identificação da fonte entrevistada	Descrição da Fonte
Então a gente não ficou tão surpresa assim quando a gente soube como o Paulo Badhu foi contratado pela defesa.	Rotina	Detalhe da entrevista feita com o Paulo. Paulo foi entrevistado como advogado pra saber qual era a sua opinião sobre o caso e logo após	Procedimento

		foi contratado	
A gente foi conversar com o Paulo Badhu na casa dele, em Cabo Frio.	Rotina	Entrevista com Paulo	Procedimento Entrevista
Em cima do aparador da sala, entre as fotos da família, tinha duas do Badhu com o cliente mais ilustre dele, o Doca.	Rotina	Branca percebe quando foi fazer a entrevista na casa de Paulo que havia duas fotos com Doca, o cliente mais “ilustre” dele	Opinião pessoal
Mas, naquela época, tava na moda.	Opinativo	Opinião de Branca sobre a sonoterapia, que era bem comum na época.	Opinião pessoal
Naquele mesmo ano de 1977, o Jece Valadão lançou o filme <i>Os Amores da Pantera</i> .	Rotina	Filme que reencena o assassinato de Ângela	Procedimentos
A trama, supostamente ficcional, reencena a morte da Ângela Diniz retomando as especulações mais bizarras sobre o assassinato.	Opinativo	Filme que reencena o assassinato de Ângela	Opinião pessoal
E tem um traficante – chamado Jean-Paul – que é o verdadeiro assassino da Ângela.	Opinativo	Branca faz um trocadilho com o nome da personagem colocando o de Ângela	Opinião pessoal
Quer dizer, da Tamara.	Opinativo	Branca faz um trocadilho com o nome da personagem colocando o de Ângela	Opinião pessoal
O namorado da vítima, coitado, só leva a culpa.	Opinativo	Branca expressa sua opinião como se estivesse falando de Doca, que foi tratado como vítima durante o caso	Opinião pessoal
Lembra que, pro delegado Watzl, os maiores problemas da comunidade naquele verão seriam os hippies, os excursionistas, os tóxicos e os ambulantes?	Interação com o ouvinte	Branca relembra o ouvinte sobre os problemas que o delegado Watzl pensava que teria, que ela citou no início do episódio	Referência a informações anteriores*
O tal Pierre tinha surgido no depoimento de uma das empregadas da casa, na segunda ou terceira vez que ela foi interrogada.	Rotina	Dado de apuração da equipe sobre o possível pivô do relacionamento Doca e Ângela. O Pierre surgiu de um depoimento de uma empregada	Procedimentos
Não tem como saber o que passou na cabeça dela, porque logo depois ela própria desmentiu a história, e ela já morreu.	Rotina	Possivelmente Branca e a equipe tentaram falar com a empregada, mas ela já havia falecido	Procedimentos
Mas fato é que, mesmo sem mais evidências, os jornais e o delegado	Opinativo	Branca fala que a imprensa e o delegado levaram o depoimentos	Uso de linguagem

Watzl pegaram a bola e correram com ela, levantando uma pá de especulações.		da empregada a outro patamar, tentando encontrar um culpado que não existia	
É difícil entender por que a história do Pierre durou tanto.	Opinativo	Branca demonstra incredulidade pois o Pierre não existia	Opinião pessoal
Eu só consigo pensar que talvez tivesse uma vontade generalizada de achar algum motivo pro crime além do ciúme exagerado do Doca.	Opinativo	Branca acha que o Pierre era um motivo para fazer parecer que Doca havia cometido um crime por amor a Ângela	Opinião pessoal
O francês misterioso chegou pra preencher esse buraco, fornecendo uma traição.	Opinativo	Branca caracteriza Pierre por “francês misterioso” por conta do seu nome e da sua não existência	Opinião pessoal
E, de quebra, ainda inspirou um roteiro do Jece Valadão.	Opinativo	Branca usa a expressão “e, de quebra” pois o crime que matou Ângela ainda inspirou um roteiro	Uso de linguagem
A gente entrevistou uma das amigas da Ângela, xará dela, Ângela Teixeira de Mello.	Rotina	Identificação da fonte entrevistada	Entrevista
E claro que, entre outras coisas, a gente perguntou se ela lembrava do Pierre.	Opinativo	Branca deixa claro que perguntou Ângela Mello se ela do Pierre	Opinião pessoal
E claro que, entre outras coisas, a gente perguntou se ela lembrava do Pierre.	Rotina	Branca indica sobre o que Ângela Mello e ela conversaram na entrevista	Entrevista
Sobre a teoria Pierre, a Ângela Teixeira contou que o Doca marcava tão cerrado que seria impossível que a Ângela Diniz saísse pra encontrar quem quer que fosse.	Opinativo	Branca caracteriza o ciúmes em excesso de Doca por Ângela	Opinião pessoal
Sobre a teoria Pierre, a Ângela Teixeira contou que o Doca marcava tão cerrado que seria impossível que a Ângela Diniz saísse pra encontrar quem quer que fosse.	Rotina	Branca indica sobre o que Ângela Teixeira e ela conversaram na entrevista	Entrevista
Já que o Pierre tinha sido um boato, outra personagem foi chamada pro olho do furacão na investigação do crime.	Opinativo	O outro personagem que foi chamado para a investigação era Gabriele Dyer, uma alemã apontada como um possível relacionamento de Ângela	Uso de linguagem
Tem algumas Polaroids daquele dia.	Rotina	Branca conseguiu algumas polaroids do dia em Gabriele Dyer encontrou Ângela e Doca na Praia dos Ossos	Procedimentos

Dá pra ver no site da Rádio Novelo.	Interação com o ouvinte	Os ouvintes podem conferir as fotos no site da Rádio Novelo	Guia de audição
Nela, a gente vê a Ângela Diniz, sentada na areia, com a Ângela Teixeira do lado dela.	Rotina	Branca descreve como Ângela, Doca e Gabriele estavam na polaroid	Descrição
Atrás das duas está o Doca, com as mãos pousadas no ar.	Rotina	Branca descreve como Ângela, Doca e Gabriele estavam na polaroid	Descrição
E, do outro lado dela, tem uma mulher loira.	Rotina	Branca descreve como Ângela, Doca e Gabriele estavam na polaroid	Descrição
Parece que ele acabou de ajustar o chapéu da Ângela Diniz.	Rotina	Branca descreve como Ângela, Doca e Gabriele estavam na polaroid	Descrição
A gente até agora não entendeu como essa mágica da bolsa-tabuleiro acontecia, mas a Gabriele ia de praia em praia vendendo a mercadoria.	Interação com o ouvinte	Branca expõe aos ouvintes uma dúvida dela e da equipe de que não sabem como Gabriele Dyer, a alemã que vendia bolsas de pano a transformava em tabuleiros de gamão	Observação de caráter pessoal
Ou seja: ela era bem o tipo de hippie-ambulante que o delegado Watzl queria enxotar da cidade	Interação com o ouvinte	Branca resgata novamente o perfil ao qual o delegado Watzl achava ser um problema, citado no início do episódio	Observação de caráter pessoal
Na manhã do dia 30 de dezembro, ela passou pela Praia dos Ossos e encontrou o grupo das Ângelas.	Rotina	Data em que Gabriele Dyer encontrou o grupo (Ângela Diniz, Ângela Melo e Doca), o dia em que o crime aconteceu	Procedimentos
Querida só chamar a atenção para a palavra vítima aqui.	Interação com o ouvinte	Branca convida os ouvintes a prestarem atenção na palavra vítima que é preferida por uma sonora de Sérgio Chapelin. Ele se referia como vítima a Doca Street.	Observação de caráter pessoal
Estamos falando de um assassinato, né, de que a Ângela Diniz foi a vítima.	Interação com o ouvinte	Branca dialoga com os ouvintes sobre a inversão de papéis de vítima e culpado	Observação de caráter pessoal
Mas nessa versão, parece que a Ângela teria empurrado o Doca para fazer o que ele fez.	Interação com o ouvinte	Branca dialoga com os ouvintes sobre a inversão de papéis de vítima e culpado	Observação de caráter pessoal
E aí, a vítima seria ele.	Interação com o ouvinte	Branca dialoga com os ouvintes sobre a inversão de papéis de vítima e culpado	Observação de caráter pessoal

Mas o que a Ângela teria feito de tão terrível?	Interação com o ouvinte	Branca dialoga com os ouvintes sobre a inversão de papéis de vítima e culpado e questiona os ouvintes	Dúvida compartilhada
Pelo jeito, a imprensa achava que a alemã tinha a resposta.	Interação com os ouvintes	Pelos dados de apuração, a imprensa acreditava que Gabriele tinha sido a causa da briga que resultou na morte de Ângela e Branca conversa com os ouvintes sobre isso	Observação de caráter pessoal
E a chave tava ali, na palavra “anormal”.	Interação	Pelos dados de apuração, a imprensa acreditava que Gabriele tinha sido a causa da briga que resultou na morte de Ângela e Branca conversa com os ouvintes sobre isso	Observação de caráter pessoal
Mas isso não impediu que ela fosse interrogada várias vezes, em português, pela polícia e pela imprensa.	Rotina	É colocado sonoras da interrogação de Gabriele feitas pela polícia. Branca diz que ela falava português muito mal mas que isso não impediu da polícia interroga-la	Procedimento
Aqui Gabriele aparece em um trecho do <i>Globo Repórter</i> especial sobre o assassinato da Ângela Diniz	Rotina	Dado de apuração; entrevista da Gabriele	Procedimentos
O delegado Watzl até ameaçou processar a Gabriele por falso testemunho	Rotina	Dado de apuração. O delegado Watzl queria processar Gabriele pelas contradições que haviam em seus depoimentos. Ela culpava a tradução.	Procedimentos
Só um parêntese aqui.	Interação com o ouvinte	Branca chama a atenção do ouvinte para pergunta feita na entrevista com Paulo	Observação de caráter pessoal
Porque a gente perguntou pro Paulo Badhu o que ele queria dizer com isso, que as pessoas de lá não gostavam da Ângela.	Interação com o ouvinte	Branca chama a atenção do ouvinte para pergunta feita na entrevista com Paulo	Observação de caráter pessoal
Porque a gente perguntou pro Paulo Badhu o que ele queria dizer com isso, que as pessoas de lá não gostavam da Ângela.	Rotina	Branca indica sobre o que ela e Paulo conversaram na entrevista	Entrevista
Não conseguimos confirmar essas histórias em lugar nenhum.	Rotina	Branca diz que não conseguiram confirmar as histórias que Paulo contou sobre a Ângela andar de biquíni de rede com os seios amostra	Procedimento

Mas meio que não importa se isso aconteceu ou não, porque é aquela história, né: reputação é tudo.	Interação com o ouvinte	Branca compartilha com os ouvintes sobre como a reputação de Ângela importava mais do que quem era ela de verdade	Observação de caráter pessoal
Mas meio que não importa se isso aconteceu ou não, porque é aquela história, né: reputação é tudo.	Opinativo	Opinião da Branca sobre a reputação da Ângela e como ela era mais importante do que quem era de verdade	Opinião pessoal
Uma mulher meio perigosa.	Opinativo	Característica da Ângela de acordo com opinião da Branca e a forma como ela era vista	Opinião pessoal
“Avançada.”	Opinativo	Característica da Ângela de acordo com opinião da Branca e a forma como ela era vista	Opinião pessoal
Paulo Badhu falou várias vezes sobre essa coisa de ela fazer topless.	Rotina	Branca indica sobre o que ela e Paulo conversaram na entrevista	Entrevista
É engraçado, porque quem realmente fazia topless, além da Brigitte Bardot, era a Gabriele.	Opinativo	Branca acha engraçado as histórias contadas por Paulo sobre Ângela porque não eram verdade	Opinião pessoal
Se a Ângela era a “Pantera de Minas”, a Gabriele agora era “a alemãzinha de Búzios”.	Opinativo	Branca caracteriza Gabriele Dyer	Opinião pessoal
E como as revistas não perdem tempo, ela posou nua para a revista <i>Status</i> e apareceu na <i>Fatos e Fotos</i> dando dicas de gamão	Rotina	Dado de apuração; Gabriele posou nua para uma revista devido a sua grande repercussão no caso de Ângela	Procedimento
Por incrível que pareça, a versão mais redonda da história é a seguinte: a Gabriele saiu para passear com uma amiga por uma trilha bem complicada, numa encosta da praia da Ferradurinha – e acabou dando um passo em falso, caiu de um penhasco, bateu com a cabeça e morreu no mar.	Interação com o ouvinte	Branca conversa com o ouvinte sobre a história mais certa sobre o desaparecimento/morte de Gabriele Dyer	Observação de caráter pessoal
Essa é a versão que a amiga que estava com ela no dia, a argentina Mercedes Avellaneda, deu pra polícia na época.	Rotina	Dado de apuração: depoimento da amiga de Gabriele Dyer, Mercedes Identificação da fonte entrevistada	Procedimentos
A gente chegou a conversar com a Mercedes por telefone, e, na nossa conversa, ela confirmou tudo o que disse à polícia lá atrás.	Rotina	Branca indica que conversou com Mercedes para falar sobre Gabriele Procedimentos/encaminhamentos para Entrevista	Busca por fonte

Mas ela é tão traumatizada com a história até hoje que não quis gravar entrevista pro podcast.	Rotina	Mercedes se recusou a dar entrevista para o podcast	Procedimento
Na época do acidente, a Mercedes tinha só 17 anos, e decidiu voltar pra Buenos Aires logo depois.	Rotina	Dado de apuração: idade da fonte na época em que o fato ocorreu	Procedimento
As buscas duraram alguns dias, mas o corpo nunca apareceu.	Rotina	O corpo de Gabriele Dyer nunca foi encontrado	Procedimentos
Bom, vamos supor que a Ângela tivesse traído o Doca com o Pierre, ou que o Pierre tivesse drogado os dois, ou que a Ângela tivesse tentado seduzir a Gabriele	Interação com o ouvinte	Branca tenta fazer com que o ouvinte faça uma recapitulação de todas as possibilidades que poderiam ter ocorrido no crime e que todas elas faziam do Doca uma vítima	Observação de caráter pessoal
Lembra do Salomão Schwartzman, o jornalista da <i>Manchete</i> que foi entrevistar o Doca no sítio onde ele estava escondido?	Interação com o ouvinte	Branca resgata o ouvinte sobre uma personagem do podcast citado no início do episódio	Referência a informações anteriores
A nova história era assim: o Doca era um apaixonado que perdeu a cabeça num momento de desespero e fez, do nada, algo totalmente fora do perfil dele.	Interação com o ouvinte	Branca reúne os novos fatos que tornam o Doca uma vítima da história e conta aos ouvintes	Observação de caráter pessoal
É o que chamam de crime passional.	Interação com o ouvinte	Branca reúne os novos fatos que tornam o Doca uma vítima da história e conta aos ouvintes	Observação de caráter pessoal
Mas a gente sabe que o relacionamento tinha ficado tóxico bem antes daquele dia na praia.	Interação com o ouvinte	Branca reúne os novos fatos que tornam o Doca uma vítima da história e conta aos ouvintes	Observação de caráter pessoal
Mas a gente sabe que o relacionamento tinha ficado tóxico bem antes daquele dia na praia.	Opinativo	Opinião da Branca sobre o relacionamento do Doca e Ângela	Opinião pessoal
Várias pessoas confirmaram que o namoro não ia bem.	Rotina	Detalhamento dos procedimentos jornalísticos para o podcast; houveram vários relatos sobre o relacionamento do casal	Procedimentos
As empregadas que trabalharam para o casal nos poucos meses em que eles ficaram juntos deram relatos parecidos.	Rotina	Branca fala de alguns relatos das empregadas sobre o relacionamento de Doca e Ângela	Procedimentos
Uma das pessoas para quem a Ângela aproveitava para ligar nessas	Rotina	Identificação da fonte entrevistada	Entrevista Descrição da fonte

horas era o Fritz d'Orey, um dos melhores amigos dela.			
Eles eram amigos muito próximos.	Rotina	Identificação da fonte entrevistada	Descrição da fonte
De todas as pessoas com quem a gente conversou, ele foi o que pareceu mais emocionado até hoje ao falar dela.	Opinativo	Branca diz que acha que Frits foi a fonte que mais demonstrou sentimento pela Ângela	Opinião pessoal
E o que aconteceu depois a gente já sabe	Interação com o ouvinte	Branca conversa com o Fritz e ele menciona que não queria que Ângela foss para Búzios porém ela foi e Branca completa o diálogo com os ouvintes que já sabem o que houve posteriormente	Observação de caráter pessoal
A gente tentou remontar exatamente a cena do assassinato.	Rotina	A equipe do Praia tentou remontar a cena do crime; demonstra trabalho de apuração	Procedimentos
A versão do Doca a gente tem, bem detalhada, em mais de quatrocentas páginas do seu livro <i>Mea Culpa</i> .	Rotina	Registro de material de apuração que Branca teve acesso para saber a versão do Doca	Procedimentos
Mas a única testemunha do crime que ainda está viva é a Ivanira Gonçalves de Souza, a copeira, que tinha 17 anos na época.	Rotina	Identificação da fonte	Busca por fonte
Ela nos recebeu na casa dela em Búzios para tentar contar o que ela lembrava do dia.	Rotina	Dado de apuração: entrevista na casa da Ivanira em Búzios	Procedimentos Entrevista
A gente perguntou por que a Ivanira não tinha gostado da Ângela, e ela disse que a Ângela não tinha feito nada.	Rotina	Branca indica sobre o que ela e Ivanira conversaram na entrevista	Entrevista
A gente sentou na varanda da casa dela, e Ivanira pegou umas caixinhas de remédio de cima da mesa pra usar como maquete da casa, pra explicar o espaço e a movimentação das pessoas.	Rotina	Branca indica sobre o que ela e Ivanira conversaram na entrevista e que a entrevistada usou objetos (caixa de remédios) para demonstrar a casa de Ângela e qual era o seu funcionamento	Descrição
Depois de meses de ciúmes e tapas, a Ângela resolveu que não queria mais.	Opinativo	Branca caracteriza o descontentamento do relacionamento de Ângela com Doca	Opinião pessoal
O advogado Paulo Badhu conta sobre o que se passou na cabeça do Doca naquela hora.	Rotina	Branca indica sobre o que ela e Paulo conversaram na entrevista	Entrevista

. Depois de se entregar à polícia, o Doca ficou preso sete meses no estado do Rio até conseguir um habeas corpus.	Rotina	Dado de apuração: tempo em que Doca ficou preso	Procedimentos
Quanto mais o tempo passava, mais o assassinato sumia no horizonte.	Opinativo	Branca diz que com o passar do julgamento do processo, o crime ia perdendo a força e que consequentemente a Ângela ia sendo esquecida	Opinião pessoal
E, com ele, a Ângela Diniz também sumia como pessoa	Opinativo	Branca diz que com o passar do julgamento do processo, o crime ia perdendo a força e que consequentemente a Ângela ia sendo esquecida	Opinião pessoal
Surgiram camisetas com a cara do Doca.	Rotina	Branca traz situações e coisas que homenagearam Doca na época	Procedimentos
Um restaurante começou a servir “filé Doca Street”.	Rotina	Branca traz situações e coisas que homenagearam Doca na época	Procedimentos
E tinha até drink com o nome dele, que era servido com quatro balinhas no copo.	Rotina	Branca traz situações e coisas que homenagearam Doca na época	Procedimentos
Tem um texto da época, uma coluna da jornalista Cidinha Campos, que saiu no <i>Jornal dos Sports</i> , que diz assim:	Rotina	Dado de apuração; texto de coluna jornalística sobre o caso	Procedimentos
O Henfil, no <i>Pasquim</i> , foi mais sintético:	Rotina	Dado de apuração; texto de coluna jornalística sobre o caso	Procedimentos
O Henfil, no <i>Pasquim</i> , foi mais sintético:	Opinativo	Na opinião de Branca, o Pasquim foi mais direto em relação ao caso e as reviravoltas que ocorreram durante o julgamento	Opinião pessoal
O clima era esse quando o Doca se apresentou no fórum de Cabo Frio para ser julgado em '79, quase três anos depois do crime.	Rotina	Dado de apuração: Doca foi julgado a primeira vez três anos após o crime	Procedimentos
E, entre aquelas mulheres, tava a minha mãe.	Opinativo	Branca diz que durante o julgamento, a Ângela começou a ser tratada como culpada pelo crime e então algumas mulheres começaram a se mobilizar em prol do movimento feminista e uma delas era a sua mãe	Relato pessoal

Durante a pesquisa pra este podcast, a Flora descobriu um manifesto, que surgiu depois do julgamento, com o título de "Contra o machismo na sociedade brasileira".	Rotina	Dado de apuração: Flora encontrou um manifesto sobre a mobilização das mulheres durante o julgamento do Doca	Procedimentos
E, entre as quatrocentas e tantas assinaturas, a Flora achou o nome da minha mãe, o nome da minha irmã, e o meu.	Opinativo	História de vida da Branca e seu envolvimento com o podcast, mesmo que indiretamente	Relato pessoal
Eu tinha 17 anos naquela altura, e não tenho a menor lembrança de ter assinado aquele texto.	Opinativo	História de vida da Branca e seu envolvimento com o podcast, mesmo que indiretamente	Relato pessoal
A minha mãe deve ter botado na minha frente e me mandado assinar.	Opinativo	História de vida da Branca e seu envolvimento com o podcast, mesmo que indiretamente	Relato pessoal
Mas foi curioso reencontrar aquela assinatura quarenta anos depois.	Opinativo	História de vida da Branca e seu envolvimento com o podcast, mesmo que indiretamente	Relato pessoal
Porque aquele manifesto e este podcast não deixam de ser duas tentativas de resposta à mesma pergunta: Como é que um homem mata uma mulher com quatro tiros na cara e vira herói?	Opinativo	História de vida da Branca e seu envolvimento com o podcast, mesmo que indiretamente	Opinião pessoal
Porque aquele manifesto e este podcast não deixam de ser duas tentativas de resposta à mesma pergunta: Como é que um homem mata uma mulher com quatro tiros na cara e vira herói	Interação com os ouvintes	Branca questiona a si e aos ouvintes sobre como Doca passou de assassino para herói e a situação ao contrário com Ângela, de vítima a vilã	Dúvida compartilhada
Ou então dá pra dizer assim: Como uma mulher desarmada é morta com quatro tiros e vira a vilã da história?	Interação com os ouvintes	Branca questiona a si e aos ouvintes sobre como Doca passou de assassino para herói e a situação ao contrário com Ângela, de vítima a vilã	Dúvida compartilhada
É isso que a gente vai tentar responder no próximo episódio de Praia dos Ossos, acompanhando o julgamento do Doca Street pelo assassinato da Ângela Diniz.	Interação com os ouvintes	Branca convida os ouvintes a acompanharem o podcast	Guia de audição
Se você ficou curioso pra saber um pouquinho mais, tem conteúdo no nosso site https://www.radionovelo.com.br/prai	Interação com os ouvintes	Branca convida os ouvintes a acompanharem os demais conteúdos do podcast em outras plataformas	Guia de audição

adosossos/ e nas redes sociais, sempre em @radionovelo.			
Pra não perder nenhum episódio, assina aqui o nosso feed.	Interação com os ouvintes	Branca convida os ouvintes a acompanharem os demais conteúdos do podcast em outras plataformas	Guia de audição
Obrigada e até a semana que vem.	Interação com os ouvintes	Branca agradece convida os ouvintes a acompanharem o podcast	Guia de audição

APÊNDICE B

TABELA DE ANÁLISE - EP 3: ÂNGELA

TRECHO	CATEGORIA	CONTEXTO	MARCADORES
No episódio passado de <i>Praia dos Ossos</i> , a gente se debruçou sobre o julgamento do Doca Street pelo assassinato da Ângela Diniz.	Interação com o ouvinte	Branca contextualiza os ouvintes sobre o que ocorreu no episódio anterior	Referência a episódio anteriores
Então hoje a gente vai pra Belo Horizonte.	Interação com o ouvinte	Branca informa aos ouvintes que o enredo da narração leva o ouvinte a Minas Gerais	Guia de audição
Eu fui para Minas em 2019 com a pesquisadora deste programa, a Flora Thomson-DeVeaux.	Rotina	Branca fala do processo de apuração e construção do podcast junto com a Flora	Procedimentos
Uma das nossas paradas mais importantes em BH pra recuperar a história da Ângela era a redação do jornal <i>Estado de Minas</i> .	Rotina	Branca fala do processo de apuração e construção do podcast junto com a Flora	Procedimentos Busca por fonte
A gente marcou uma conversa com duas jornalistas veteranas do <i>Estado de Minas</i> : Anna Marina Siqueira e Isabela Teixeira da Costa	Rotina	Procedimentos/encaminhamentos para Entrevista com as duas jornalistas Anna e Isabela Identificação da fonte entrevistada	Entrevista Descrição da fonte
A Isabela bate ponto no jornal há quase quarenta anos.	Rotina	Identificação da fonte entrevistada	Descrição da fonte
A Anna Marina, há mais de sessenta.	Rotina	Identificação da fonte entrevistada	Descrição da fonte
A maior parte dos registros no arquivo do <i>Estado de Minas</i> sobre a Ângela Diniz seguem nessa linha.	Rotina	Branca evidencia o processo de busca por registros da vida de Ângela em Minas	Procedimentos
A gente encontrou uma crônica sobre ela escrita pelo Roberto Drummond, aquele que escreveu o livro <i>Hilda Furacão</i> , que virou série da Globo.	Rotina	Branca evidencia o processo de busca por registros da vida de Ângela em Minas	Procedimentos
Esse texto fazia parte de uma série chamada “Mulher, Receita Mineira”, que o Roberto Drummond escreveu pro jornal.	Rotina	Branca evidencia o processo de busca por registros da vida de Ângela em Minas	Procedimentos

Ganhou até um Prêmio Esso.	Rotina	Dado obtido por apuração	Procedimentos
Essa é a Jacqueline Pitanguy, que era amiga de infância da Ângela.	Rotina	Identificação da fonte entrevistada	Descrição da fonte
E aqui a gente vê que o ensino da sedução podia acontecer nas instituições mais insuspeitas.	Opinativo	Branca expõe sua opinião sobre o ensino que a Ângela recebia da mãe	Opinião pessoal
A gente conversou por telefone com uma colega da Ângela no Santa Marcelina, a Valéria Penna.	Rotina	Identificação da fonte entrevistada	Descrição da fonte
Depois a gente sentou com ela no estúdio, então você vai ouvir a voz dela com registros diferentes.	Rotina	Branca fala que entrevistou a Valéria de dois modos por isso o ouvinte pode notar a diferença nos áudios	Entrevista
Depois a gente sentou com ela no estúdio, então você vai ouvir a voz dela com registros diferentes.	Interação com o ouvinte	Branca fala que entrevistou a Valéria de dois modos por isso o ouvinte pode notar a diferença nos áudios	Guia de audição
Essa é a Celina Albano, também colega de Santa Marcelina da Valéria e da Ângela.	Rotina	Identificação da fonte entrevistada	Descrição da fonte
Ela ainda mora em BH, então eu aproveitei pra encontrar com ela na viagem.	Rotina	Branca fala que Celina ainda mora em BH por isso marcou a entrevista quando viajou para lá	Descrição da fonte
A Celina ajudou a gente a entender um pouco melhor o perfil das moças que estudavam no colégio, e o que elas aprendiam por lá – além de tráfico de papelzinho.	Rotina	Branca indica sobre o que Celina e ela conversaram na entrevista	Entrevista
E, pra isso, a Ângela tinha uma “coach” muito dedicada.	Opinativo	Opinião da Branca sobre a mãe da Ângela	Opinião pessoal Qualificação da personagem
A gente achou uma coluna sobre um aniversário da Ângela em que a Maria presidiu “um jantar americano com maionese, strogonoff e tortas, servidos em baixelas antiquíssimas e regados a ‘whisky’”.	Rotina	Branca evidencia o processo de busca por registros da vida de Ângela em Minas	Procedimentos
Era essa energia da mãe da Ângela que empurrava os adolescentes pra pista.	Opinativo	Opinião da Branca sobre a mãe da Ângela	Opinião pessoal Qualificação da personagem

Mas a Celina contou pra gente como essa animadora de pistas também podia ser uma mãe super controladora.	Opinativo	Opinião da Branca sobre a mãe da Ângela	Opinião pessoal
Mas a Celina contou pra gente como essa animadora de pistas também podia ser uma mãe super controladora.	Rotina	Branca indica sobre o que Celina e ela conversaram na entrevista	Entrevista
Essa é, de novo, a Anna Marina, a colunista veterana do <i>Estado de Minas</i> .	Rotina	Identificação da fonte entrevistada	Descrição da fonte
Além de jornalista, a Anna Marina foi sócia da Maria Diniz numa boutique na cidade.	Rotina	Identificação da fonte entrevistada	Descrição da fonte
Mas tem uma coisa.	Interação com o ouvinte	Branca conversa com os ouvintes sobre as percepções que ela tem do relacionamento de mãe e filha da Maria e Ângela	Observação de caráter pessoal
Escutando essas histórias, não é simples separar o que a Ângela queria do que a mãe dela queria.	Interação com o ouvinte	Branca conversa com os ouvintes sobre as percepções que ela tem do relacionamento de mãe e filha da Maria e Ângela	Observação de caráter pessoal
Esse é o José Maurício, outro colunista social de Minas, falando ao Globo Repórter em '77.	Rotina	Identificação da fonte entrevistada	Descrição da fonte
Eu conversei com a Norma Tamm, que também foi uma dessas meninas.	Rotina	Identificação da fonte entrevistada	Descrição da fonte
Ela foi amiga e uma espécie de competidora da Ângela pelos olhares dos rapazes	Rotina	Identificação da fonte entrevistada	Descrição da fonte
A Norma foi eleita a embaixatriz do turismo de BH em 1958.	Rotina	Identificação da fonte entrevistada	Descrição da fonte
Esse era um cargo honorário que ninguém conseguiu explicar pra gente.	Rotina	Branca fala que ninguém conseguiu explicar qual é a função de uma Embaixatriz do turismo	Descrição da fonte
É irônico que a referência de heroína grega que a Norma usou era a Helena de Troia, a “mais bela mulher do mundo”, que desde os 12 anos arrastou pretendentes heróis de toda a Grécia, a ponto de	Opinativo	Branca expressa sua opinião sobre a personagem referência que Norma usou para retratar Ângela	Opinião pessoal

ser sequestrada por mais de um deles.			
Parece até que a Ângela, inconscientemente, estava reproduzindo essa história.	Opinativo	Branca expressa sua opinião sobre a personagem referência que Norma usou para retratar Ângela	Opinião pessoal
E essas aparições eram uma maneira de chamar a atenção do seu futuro Menelau.	Opinativo	Branca expressa sua opinião sobre a personagem referência que Norma usou para retratar Ângela	Opinião pessoal
Vendo a profusão de notinhas de jornal registrando a presença da Ângela nos bailes e recepções, é difícil imaginar que ela tivesse tempo ou energia pra sala de aula.	Rotina	Branca evidencia o processo de busca por registros da vida de Ângela em Minas	
Vendo a profusão de notinhas de jornal registrando a presença da Ângela nos bailes e recepções, é difícil imaginar que ela tivesse tempo ou energia pra sala de aula.	Opinativo	Opinião de Branca sobre Ângela ter uma vida social ativa, visto que ela não terminou o ensino médio	Opinião Pessoal
E não era pra menos: eram superproduções.	Opinativo	Branca expressa opinião sobre os bailes de debutantes mineiros que sempre movimentavam a cidade pela pompa e importância que tinham	Opinião pessoal
Aqui é, de novo, a Valéria Penna, a amiga da Ângela que levava os bilhetinhos pra fora do Colégio Santa Marcelina.	Rotina	Identificação da fonte entrevistada	Descrição da fonte
A encarnação do bom partido.	Opinativo	Opinião da branca sobre o Milton Vilas Boas baseado nas declarações da Valéria	Opinião pessoal Qualificação da personagem
Não era um violinista, mas tinha atributos tão encantadores quanto.	Opinativo	Opinião da branca sobre o Parker Gilbert baseado nas declarações da Valéria	Opinião pessoal Qualificação da personagem
Tá vivo, sim.	Rotina	Dado obtido por apuração	Procedimentos
Mas não quis gravar entrevista pro <i>Praia dos Ossos</i> .	Rotina	Parker Gilbert não quis conceder entrevista para o Praia	Procedimentos
A gente também não conseguiu encontrar fotos do Parker daquela época, mas aparentemente ele era um consenso entre as garotas.	Rotina	Branca evidencia o processo de busca por registros da vida de Ângela em Minas, desta vez procurando fotos do Parker que foi um dos relacionamentos amorosos dela	Procedimentos

Na verdade, o nome completo dele é Parker Gilbert Cavalcanti de Carvalho	Rotina	Dado obtido por apuração	Procedimentos
Mas o Albuquerque até que orna bem.	Opinativo	Branca comenta sobre a troca de sobrenomes que Valéria fez de Parker e diz que o Albuquerque orna bem	Opinião pessoal
No duelo entre o pé de valsa boa-pinta e o construtor bom partido, venceu o Milton.	Opinativo	Branca caracteriza os pretendes de Ângela a partir dos relatos das entrevistas	Qualificação da personagem
Tem uma nota dela no <i>Diário da Tarde</i> que diz assim:	Rotina	Branca evidencia o processo de busca por registros da vida de Ângela em Minas	Procedimentos
No dia, a fina flor de Belo Horizonte compareceu à principal igreja metodista – seguindo a religião do noivo – pra uma cerimônia que acumulava superlativos.	Opinativo	Branca expõe sua opinião sobre o primeiro casamento de Ângela Diniz e a caracteriza como “fina flor”	Opinião pessoal Uso da linguagem
Segundo os jornais do dia seguinte, a festa superou as expectativas, e já ganhava o título de casamento do ano de 1963.	Rotina	Branca evidencia o processo de busca por registros da vida de Ângela em Minas	Procedimentos
Mas a maior dúvida era como um talento lapidado para a sedução ia responder à estabilidade morna da vida doméstica.	Opinativo	Branca expressa seu pensamento sobre o casamento de Ângela com Milton Vilas Boas	Opinião pessoal
Revendo essa cena, dá para imaginar a distância entre o que a Ângela queria ser e a vida que ela tava levando.	Opinativo	Branca faz uma comparação da vida de Ângela com a vida do filme que ela e Valéria assistiram no cinema (James Bond 007)	Opinião pessoal
O casamento, a vida de dona de casa, e o sofá da sala tavam muito distantes da vida de sereia alaranjada que Ângela almejava.	Opinativo	Branca faz uma comparação da vida de Ângela com a vida do filme que ela e Valéria assistiram no cinema (James Bond 007)	Opinião pessoal
Até porque o Milton não era exatamente um cara do tipo Sean Connery.	Opinativo	Branca faz uma comparação da vida de Ângela com a vida do filme que ela e Valéria assistiram no cinema (James Bond 007)	Opinião pessoal
A Isabela Teixeira da Costa, jornalista do <i>Estado de Minas</i> , acompanhou a gente nesse	Rotina	Identificação da fonte entrevistada Branca evidencia o processo de busca por registros da vida de	Descrição da fonte Procedimentos

passeio por uma imensidão de fotos.		Ângela em Minas	
E algumas dessas fotos deixavam clara a passagem de Ângela Diniz para Ângela Villas Boas.	Rotina	Branca evidencia o processo de busca por registros da vida de Ângela em Minas	Procedimentos
Essa Ângela senhora, mãe de três filhos aos 24 anos, me fez lembrar o perfil dela escrito pelo Roberto Drummond – o tal da Hilda Furacão.	Opinativo	Branca lembra de uma crônica escrita sobre Ângela que caracteriza a vida atual de casada que ela se encontrava	Opinião pessoal
Essa crônica foi publicada em 1969, e o que poderia ser uma matéria sobre a feliz esposa modelo de Minas Gerais trazia uma nuvem melancólica já no título: “Ângela Villas Boas: uma canção batendo na pedra”.	Rotina	Branca evidencia o processo de busca por registros da vida de Ângela em Minas	Procedimentos
É um perfil estranho, desconfortável até mesmo pra quem não estava acostumado à outra imagem da Ângela, construída nas colunas sociais.	Opinativo	Branca fala sobre a estranheza que Ângela passa na crônica escrita sobre ela, pois não condiz com a mulher que ela aparentava ser	Opinião pessoal
A ideia de morrer por amor era um horizonte distante pra quem parecia correr o risco de morrer de tédio.	Opinativo	Opinião da Branca sobre a vida de casada de Ângela	Opinião pessoal
Eu não vou abrir aqui a discussão sobre os exageros literários da crônica – mas mesmo enxugando muito essa tinta, dá pra ver que a Ângela não parecia feliz com a vida que ela tava levando.	Opinativo	Opinião da Branca sobre a vida de casada de Ângela	Opinião pessoal
Eu procurei a historiadora Mary Del Priore, que tem uma linha de pesquisa sobre relacionamentos conjugais no Brasil.	Rotina	Identificação da fonte entrevistada	Descrição da fonte Entrevista
Eu perguntei pra Anna Marina como foi a separação.	Rotina	Branca indica sobre o que Anna e ela conversaram na entrevista	Entrevista
E aí, uma coincidência macabra uniu Ângela e Jô.	Opinativo	Branca defini como macabra a coincidência entre as duas mulheres que foram mortas por seus namorado/marido	Opinião pessoal

Lembra que no julgamento, o advogado do Doca, o Evandro Lins e Silva, falou que a Ângela fez um testamento muito jovem?	Interação com o ouvinte	Branca Vianna resgata o ouvinte sobre algo já ouvido do julgamento do Doca	Referência a episódios anteriores
A gente não sabe por quê.	Rotina	Branca não soube dizer porque naquele dia Ângela havia assinado o testamento	Procedimentos
Sabendo o que ia acontecer depois, é muito mórbido ler essa nota	Opinativo	Opinião de Branca ao ler a nota emitida sobre Ângela ser a sucessora de Jô	Opinião pessoal
Mas ainda tinha muita água pra rolar.	Opinativo	Branca usa expressão para dizer que ainda teriam muitos acontecimentos na vida Ângela antes do crime	Uso de linguagem
E é claro que isso provocou um tremendo mal-estar nos círculos que ela frequentava.	Opinativo	Opinião de Branca sobre o comportamento de Ângela e sua vida de divorciada	Opinião pessoal
Desse encontro ficou uma foto emblemática do Antenor Patiño – baixote, com um sorrisão e os braços enlaçando a cintura da Ângela, que tá deslumbrante.	Rotina	Foto obtida por apuração Branca descreve como Ângela e Antenor estavam	Procedimentos Descrição
Desse encontro ficou uma foto emblemática do Antenor Patiño – baixote, com um sorrisão e os braços enlaçando a cintura da Ângela, que tá deslumbrante.	Opinativo	Branca Vianna descrevendo com adjetivos sobre como Ângela e Antenor estavam na foto	Opinião pessoal Qualificação da personagem
E o ex-presidente tava lá, nesse mesmo baile em que a Ângela disparava o seu melhor sorriso pros fotógrafos ao lado de um milionário boliviano 20 cm menor que ela.	Opinativo	Branca Vianna descreve o encontro de Ângela Diniz com o ex-presidente JK	Opinião pessoal
Essa história dá uma noção do transtorno que a Ângela – agora livre das amarras do casamento – causava na alta classe mineira.	Opinativo	Branca faz um comentário sobre o antigo casamento de Ângela	Opinião pessoal
A Ângela tava passando por outra metamorfose	Opinativo	Branca caracteriza a fase solteira da Ângela	Opinião pessoal
Esse relacionamento com potencial bombástico ia confirmar a sina da Ângela	Opinativo	Opinião de Branca sobre o relacionamento de Ângela com Tuca Mendes	Opinião pessoal
No próximo episódio de <i>Praia dos Ossos</i> , eu te conto sobre esse	Interação com o ouvinte	Branca convida os ouvintes a acompanharem o podcast	Guia de audição

e os dois outros crimes que entraram pra biografia da Ângela antes de ela conhecer o Doca Street.			
Pra não perder nenhum capítulo, assina nosso feed no seu tocador de podcasts.	Interação com o ouvinte	Branca convida o ouvinte a continuar acompanhando o Praia em outras plataformas de streaming	Guia de audição
E se você quiser ver aquelas fotos que a gente garimpou no acervo do <i>Estado de Minas</i> , da Ângela adolescente, corre lá no nosso site: radionovelo.com.br/praiadosossos .	Interação com o ouvinte	Branca convida o ouvinte a continuar acompanhando o Praia no site da Rádio novelo	Guia de audição
A gente tem também uma newsletter do Praia dos Ossos.	Interação com o ouvinte	Branca convida o ouvinte a continuar acompanhando o Praia em outras plataformas.	Guia de audição
Nas nossas redes a gente explica como se inscrever.	Interação com o ouvinte	Branca convida o ouvinte a continuar acompanhando o Praia em outras plataformas.	Guia de audição

APÊNDICE C

TABELA DE ANÁLISE - EP 8: RUA ÂNGELA DINIZ

TRECHO	CATEGORIA	CONTEXTO	MARCADORES
Durante todo o tempo que a gente passou fazendo esse podcast teve uma entrevista muito importante que demorou mais de um ano pra sair.	Rotina	Procedimentos/encaminhamentos para Entrevista da mãe da narradora Branca Vianna	Busca por fonte
Foram muitas negociações – a gente chegou a marcar uma viagem que caiu em cima da hora...	Rotina	Procedimentos/encaminhamentos para Entrevista da mãe da narradora Branca Vianna	Busca por fonte Procedimentos
Até que ela abriu uma brecha quando a gente já tinha quase desistido.	Rotina	Procedimentos/encaminhamentos para Entrevista da mãe da narradora Branca Vianna	Busca por fonte
E a entrevista só aconteceu com uma condição: a Flora Thomson-DeVeaux, pesquisadora do podcast, teve que ir no meu lugar.	Rotina	Procedimentos/encaminhamentos para Entrevista da mãe da narradora Branca Vianna	Entrevista Busca por fonte
Numa altura da entrevista, a Flora pediu pra entrevistada ler essa carta que foi mandada pro jornal <i>Tribuna da Imprensa</i> pouco depois do segundo julgamento do Doca Street.	Rotina	Passos da entrevista com a mãe da narradora Branca Vianna, em que ela lê uma carta	Entrevista
Essa entrevistada era uma daquelas mulheres que andavam botando minhoca na cabeça de outras mulheres.	Opinativo	Caracterização da Branca sobre a mãe dela	Qualificação da fonte Uso da linguagem
Essa feminista tinha um bom motivo pra não querer ser entrevistada por mim.	Opinativo	Adjetivos da Branca sobre a mãe dela	Qualificação da fonte
Sim, minha mãe também se chama Branca.	Opinativo	História de vida da narradora Branca Vianna	Relato pessoal
E a mãe dela, a minha avó, também se chamava Branca.	Opinativo	História de vida da narradora Branca Vianna	Relato Pessoal

E a mãe da minha avó também se chamava Branca.	Opinativo	História de vida da narradora Branca Vianna	Relato pessoal
A minha mãe me chama de Quinha, aliás, e por isso você vai ouvir ela e a Flora se referindo a mim desse jeito.	Interação com o ouvinte	Branca Vianna explica aos ouvintes que tem um apelido, e por isso Flora e a mãe se referem a ela assim.	Observação de caráter pessoal
Ela achou que ia ser estranho dar o depoimento pra mim, porque eu já conhecia todas essas histórias da vida dela, né?	Opinativo	História de vida da narradora Branca Vianna	Relato pessoal
Mas eu confesso que pra mim também foi um alívio.	Opinativo	Branca Vianna expõe como se sente em relação a ter que entrevistar sua mãe para o podcast	Relato pessoal
Porque entrevistar a mãe da gente não é tarefa fácil.	Opinativo	Branca Vianna expõe como se sente em relação a ter que entrevistar sua mãe para o podcast	Relato pessoal
A minha mãe já militava na causa feminista desde antes da morte da Ângela.	Opinativo	História de vida da narradora Branca Vianna	Relato pessoal
Ela era da mesma turma da Hildete Pereira de Melo e da Jacqueline Pitanguy, que a gente ouviu em episódios anteriores aqui do <i>Praia dos Ossos</i> .	Interação com o ouvinte	Branca Vianna resgata a memória do ouvinte sobre um história já ouvida anteriormente no podcast	Referência a episódios anteriores
Então você pode imaginar que a defesa dos direitos das mulheres era uma linha fundamental da minha criação – tipo escovar os dentes e estudar pra prova.	Interação com o ouvinte	Branca Vianna explica aos ouvintes que o feminismo já estava presente na sua vida desde a infância	Observação de caráter pessoal
Então você pode imaginar que a defesa dos direitos das mulheres era uma linha fundamental da minha criação – tipo escovar os dentes e estudar pra prova.	Opinativo	História de vida da narradora Branca Vianna	Relato pessoal
Mas não dá pra dizer que a minha mãe fez de mim e da minha irmã militantes feministas desde criancinha.	Opinativo	História de vida da narradora Branca Vianna	Relato pessoal

Naquela época, a gente passava bem ao largo de tudo isso.	Opinativo	História de vida da narradora Branca Vianna	Relato pessoal
Tanto que eu contei aqui, no primeiro episódio, que eu levei um susto quando a Flora encontrou os nossos nomes num manifesto denunciando o machismo na sociedade brasileira, logo depois do primeiro julgamento do Doca.	Opinativo	História de vida da narradora Branca Vianna	Relato pessoal
É a cara da minha mãe esse manifesto.	Opinativo	História de vida da narradora Branca Vianna	Relato pessoal
Nem sempre filho de militante sai militante.	Opinativo	História de vida da narradora Branca Vianna	Relato pessoal
Eu lembro de achar uma chatice total aquelas reuniões	Opinativo	História de vida da narradora Branca Vianna	Relato pessoal Opinião pessoal
E acabei seguindo outro caminho.	Opinativo	História de vida da narradora Branca Vianna	Relato pessoal
Ou talvez a minha militância seja outra.	Opinativo	História de vida da narradora Branca Vianna	Relato pessoal
O que me interessa mesmo são histórias.	Opinativo	História de vida da narradora Branca Vianna	Relato pessoal Motivação para o podcast
Foi por isso que eu resolvi fazer o podcast <i>Maria vai com as outras</i> em 2018, pra ouvir as mulheres sobre as histórias delas, de vida e de trabalho.	Opinativo	História de vida da narradora Branca Vianna Branca Vianna expõe suas motivações para fazer o podcast	Relato pessoal Motivação para o podcast
E, no caso da Ângela Diniz, me interessava justamente a história.	Opinativo	História de vida da narradora Branca Vianna Branca Vianna expõe suas motivações para fazer o podcast	Relato pessoal Motivação para o podcast
A história que eu queria contar neste podcast é a da vida e da morte de uma mulher e dos dois julgamentos do assassino dela	Opinativo	Branca Vianna expõe suas motivações para fazer o podcast	Motivação para o podcast
Símbolos são poderosos	Opinativo	Branca Vianna expõe sua	Opinião pessoal

		opinião acerca do julgamento	
Mas não são tudo.	Opinativo	Branca Vianna expõe sua opinião acerca do julgamento	Opinião Pessoal
Hoje a gente vai tentar fazer um balanço.	Interação com o ouvinte	Branca Vianna convida o ouvinte a prestar atenção no enredo do podcast para acompanhar as informações	Guia de audição
E o que a gente pode fazer com tudo isso?	Interação com o ouvinte	Branca Vianna questiona a si e a equipe do Praia mas também faz com o que o ouvinte seja inserido na história, através dessa pergunta.	Dúvida compartilhada
Esse é o Fernando Fragoso, filho do Heleno Fragoso, que auxiliou a acusação no segundo julgamento do Doca.	Rotina	Identificação da fonte entrevistada	Descrição da fonte
A gente sentou com ele em 2019.	Rotina	Procedimento de apuração/quando ocorreu a entrevista	Entrevista
Nas entrevistas que eu fiz sobre o legado do movimento “Quem Ama Não Mata”, sempre vinha um ponto muito claro: o fim da legítima defesa da honra – que, lembra?, nunca constou do Código Penal, mas era ponto pacífico nos argumentos dos advogados.	Interação com o ouvinte	Branca Vianna relembra o ouvinte sobre as entrevistas que realizou sobre o movimento “Quem Ama Não Mata” e que sempre giravam em torno do questionamento do fim da tese de legítima defesa da honra	Referência a episódios anteriores
A gente foi procurar o João Batista por causa de um caso que aconteceu em Apucarana em 1988.	Rotina	Fonte que foi advogado de um caso de feminicídio	Entrevista Busca por fonte Procedimentos
Era a mesma história que a gente tinha ouvido no primeiro julgamento do Doca	Interação com o ouvinte	Branca Vianna resgata o ouvinte sobre algo já ouvido do julgamento do Doca	Referência a episódios anteriores
O argumento da “legítima defesa da honra” continuava	Opinativo	Branca Vianna caracteriza a tese usada no julgamento dizendo que a	Uso da linguagem

colando sete anos depois da condenação do Doca.		mesma continua “colando” anos depois.	
O João Lopes não teve “só” uma redução da pena, como o Doca.	Opinativo	Branca Vianna fala de outro processo de feminicídio e caracteriza usando a expressão “só” comparando o julgamento com o do Doca.	Uso da linguagem
Eu ouvi o outro lado dessa história quando eu conversei com a Jacqueline Pitanguy – a socióloga feminista que cresceu brincando com a Ângela Diniz lá em BH.	Rotina	Entrevista com uma fonte que conheceu Ângela Diniz	Entrevista Descrição da Fonte
A gente falou bastante por aqui sobre o funcionamento do júri.	Interação com o ouvinte	Lembra o ouvinte sobre assunto já tratado no podcast	Referência a episódios anteriores
Claro que não dá pra dizer que a culpa é do jurado leigo que se convence com esse argumento.	Opinativo	Expõe sua opinião sobre a justiça brasileira para mulheres e sobre como o processo de mudança para julgamentos de feminicídios são difíceis	Opinião pessoal
Eles são um sintoma.	Opinativo	Expõe sua opinião sobre a justiça brasileira para mulheres e sobre como o processo de mudança para julgamentos de feminicídios são difíceis	Opinião pessoal
Eles são a ponta do iceberg de uma sociedade que entende que um cara que suspeita de traição tem o direito de matar a mulher.	Opinativo	Expõe sua opinião sobre a justiça brasileira para mulheres e sobre como o processo de mudança para julgamentos de feminicídios são difíceis	Opinião pessoal Uso de linguagem
Quer dizer: a gente tem que mudar a jurisprudência, mas tem que mudar a cultura também.	Opinativo	Expõe sua opinião sobre a justiça brasileira para mulheres e sobre como o processo de mudança para julgamentos de feminicídios são difíceis	Opinião pessoal
Mas essa conclusão, além de óbvia, traz um desafio enorme.	Opinativo	Expõe sua opinião sobre a justiça brasileira para mulheres e sobre como o processo de mudança para	Opinião pessoal

		juulgamentos de feminicídios são difíceis	
Como assim, mudar a cultura?	Interação com o ouvinte	Questiona o ouvinte sobre a cultura da justiça brasileira	Dúvida compartilhada
No sétimo episódio aqui do <i>Praia dos Ossos</i> , a gente contou que o movimento "Quem Ama Não Mata" teve origem na indignação pelo assassinato de duas mulheres mortas pelos companheiros delas num intervalo de duas semanas, em 1980.	Interação com o ouvinte	Lembra o ouvinte sobre assunto já tratado no podcast	Referência a episódios anteriores
Eu acompanho esse assunto, mas eu só fiquei sabendo dessa estatística específica porque fui falar com um juiz mineiro.	Opinativo	Branca Vianna expõe seu interesse pessoal no assunto	Relato pessoal
Eu perguntei pro Marcelo se ele ainda vê a legítima defesa da honra sendo utilizada na cidade onde a Ângela cresceu.	Rotina	Marcelo é o juiz mineiro ao qual Branca recorreu pra falar sobre a tese de legítima defesa da honra	Entrevista
Enquanto eu conversava com o Marcelo Fioravante, era impossível não pensar na Ângela e no Doca.	Opinativo	Branca Vianna expressa seus pensamentos diante as explicações do juiz	Opinião pessoal
A gente ouviu de várias fontes, inclusive do próprio Doca, que tinha violência no relacionamento.	Rotina	Rotina de trabalho/entrevistas	Entrevista
E não, o Doca não tinha histórico criminoso.	Rotina	Dado obtido por apuração	Procedimentos
Mas, conforme o juiz Marcelo Fioravante ia descrevendo as características mais comuns entre os casos de feminicídio que ele via, parecia cada vez mais que o Doca era, na verdade, um feminicida típico.	Opinativo	Opinião da Branca sobre as características do Doca conforme ela ouvia sobre alguns casos de feminicídio	Opinião pessoal
Foi justificado	Opinativo	Branca expõe sua opinião sobre os assassinatos de mulheres no brasil	Opinião pessoal

Perdoado.	Opinativo	Branca expõe sua opinião sobre os assassinatos de mulheres no brasil	Opinião pessoal
Desculpado.	Opinativo	Branca expõe sua opinião sobre os assassinatos de mulheres no brasil	Opinião pessoal
Amenizado.	Opinativo	Branca expõe sua opinião sobre os assassinatos de mulheres no brasil	Opinião pessoal
E isso só mudou oficialmente em 2015.	Rotina	Dado de apuração sobre Lei do Femicídio	Procedimentos
Nessa conversa com o Marcelo, acho que eu entendi pela primeira vez como essa alteração na lei mudou o jogo no tribunal.	Opinativo	Branca compartilhar sobre suas percepções acerca das informações que recebe das fontes sobre determinado assunto e sua importância	Relato pessoal Uso de linguagem
Lá no segundo episódio do <i>Praia dos Ossos</i> , a gente contou que o promotor Sebastião Fador Sampaio gastou boa parte da argumentação dele no primeiro julgamento do Doca tentando provar que o Doca teria matado a Ângela pra ficar com o dinheiro dela.	Interação com o ouvinte	Lembra o ouvinte sobre assunto já tratado no podcast	Referência a episódios anteriores
Mas o promotor não conseguiu provar isso, até porque não era verdade, e o tiro acabou saindo pela culatra.	Opinativo	Branca usa expressão para dizer que a defesa do Doca não saiu como esperado	Uso de linguagem
Quer dizer: se o Doca fosse julgado hoje em dia, o jogo seria diferente	Opinativo	Branca usa expressão para dizer que a defesa do Doca não saiu como esperado	Uso de linguagem
Mas tinha uma coisa que a gente ficava se perguntando: aquela sentença de quinze anos do Doca realmente serviu pra alguma coisa?	Interação com o ouvinte	Branca Vianna questiona a si e a equipe do Praia mas também faz com o que o ouvinte seja inserido na história, através dessa pergunta.	Dúvida compartilhada
E tem uma coisa que eu ainda não disse aqui, mas vou dizer agora: a Ângela Diniz não é a cara do	Opinativo	Branca Vianna compartilha sobre uma opinião dela acerca da	Opinião pessoal

femicídio no Brasil hoje, e provavelmente nunca foi.		Ângela Diniz e sobre o perfil que ela tinha.	
E tem uma coisa que eu ainda não disse aqui, mas vou dizer agora: a Ângela Diniz não é a cara do feminicídio no Brasil hoje, e provavelmente nunca foi.	Interação com o ouvinte	Branca Vianna compartilha sobre a opinião dela acerca da Ângela Diniz e sobre o perfil que ela tinha.	Observação de caráter pessoal
Mas então o que é que a gente faz?	Interação com o ouvinte	Branca Vianna questiona a si e a equipe do Praia mas também faz com o que o ouvinte seja inserido na história, através dessa pergunta.	Dúvida compartilhada
É difícil segurar um riso irônico – e triste também – quando a gente vê a distância entre o que a lei prega e as imagens de celas superlotadas que a gente tá acostumada a ver nas reportagens de tevê	Opinativo	Branca Vianna a respeito sobre os tipos de presídios que vemos nos veículos de comunicação em comparado com o que a lei prega	Opinião pessoal
O presídio da Água Santa, onde o Doca passou a maior parte da pena dele, estava longe de ser um modelo idílico para a reinserção na sociedade.	Opinativo	Opinião de Branca Vianna sobre o modelo de presídio em que Doca foi preso	Opinião pessoal
É curioso pensar o que é que a gente pretende quando encerra os criminosos.	Interação com o ouvinte	Branca Vianna a respeito sobre o pensamento de encerramento de pessoas e sua solução/objetivo	Observação de caráter pessoal
É vingança?	Interação com o ouvinte	Branca Vianna questiona a si mesma e o ouvinte	Dúvida compartilhada
Ninguém tem a ilusão de que eles vão sair melhores de lá, certo?	Interação com o ouvinte	Branca Vianna a respeito sobre o pensamento de encerramento de pessoas e sua solução/objetivo	Dúvida compartilhada
E aqui, eu preciso confessar que eu tô alinhada com a filosofia de uma pessoa um tanto inesperada: o Evandro Lins e Silva, o advogado do Doca no primeiro julgamento.	Opinativo	Branca Vianna concorda com o advogado do Doca e admite aos ouvintes	Relato pessoal

Eu já tava ficando meio desesperada com esse dilema quando eu e a Flora começamos a ler sobre o conceito de justiça restaurativa.	Opinativo	Branca Vianna compartilha sobre seus anseios e dilemas com os ouvintes	Relato pessoal
E aí a gente ligou pra Catarina Corrêa.	Rotina	Fonte Entrevista com juíza para falar sobre o tema justiça restaurativa	Busca por fonte Procedimentos Entrevista
E eu não acho que é vício de linguagem, não.	Opinativo	Opinião de Branca sobre a fonte sempre perguntar na entrevista se ela entendeu as explicações	Opinião pessoal
E eu não acho que é vício de linguagem, não.	Interação com o ouvinte	Opinião de Branca sobre a fonte sempre perguntar na entrevista se ela entendeu as explicações	Observação de caráter pessoal
Ela faz essas pausas a cada tanto, pra saber se a gente tá na mesma página.	Interação com ouvinte	Opinião de Branca sobre a fonte sempre perguntar na entrevista se ela entendeu as explicações	Observação de caráter pessoal
Porque ela tá falando de conceitos difíceis mesmo de assimilar – é uma mudança gravitacional mesmo, a gente tem que reacomodar as ideias que a gente tem muito arraigadas, desde pequena.	Opinativo	Opinião de Branca sobre a fonte sempre perguntar na entrevista se ela entendeu as explicações	Opinião pessoal
Durante a entrevista, eu reparei que a Catarina pergunta muito isso. “Você me entendeu?”	Rotina	Entrevista com juíza para falar sobre o tema justiça restaurativa	Entrevista
A gente não sai do lugar.	Interação com o ouvinte	Branca Vianna compartilha a sua constatação com o ouvinte	Observação de caráter pessoal
E o que a gente quer, com a justiça, é justamente sair do lugar.	Interação com o ouvinte	Branca Vianna compartilha a sua constatação com o ouvinte	Observação de caráter pessoal
Mas, do jeito que a justiça tem sido feita até aqui, a vítima se sente injustiçada, e o criminoso,	Opinativo	Branca Vianna expõe sua opinião sobre como é feito os julgamentos e procedimentos no Brasil	Opinião pessoal

punido, também se sente injustiçado.			
Talvez você esteja pensando: e quando a vítima não tá mais aqui justamente por causa do que o ofensor fez?	Interação com o ouvinte	Branca Vianna questiona o ouvinte	Dúvida compartilhada
Quando eu entrevistei o Doca, ele comentou que uma pessoa da família da Ângela procurou por ele recentemente, querendo conversar.	Rotina	Dado de entrevista da Branca feita com o Doca	Entrevista
E eu fiquei pensando no filho mais velho da Ângela, que representou a família no segundo julgamento.	Opinativo	Branca Vianna compartilha sobre seus anseios e dilemas com os ouvintes	Opinião pessoal
Eu comentei disso com a Catarina	Rotina	Branca cita entrevista com a fonte novamente	Entrevista
E seguir adiante não quer dizer, absolutamente, esquecer.	Opinativo	Branca Vianna a respeito sobre a vontade das famílias das vítimas	Opinião pessoal
Mas todo mundo que já perdeu alguém, mesmo de morte morrida mesmo, nem precisa ser de morte matada, sabe que não é fácil seguir adiante.	Opinativo	Branca Vianna a respeito sobre a vontade das famílias/pessoas das vítimas referente ao luto	Opinião pessoal
É óbvio que o que persiste além do processo da justiça é o luto.	Opinativo	Branca Vianna a respeito sobre a vontade das famílias/pessoas das vítimas referente ao luto	Opinião pessoal
Uma ausência muito concreta daquela pessoa.	Opinativo	Branca Vianna a respeito sobre a vontade das famílias/pessoas das vítimas referente ao luto	Opinião pessoal
Uma das razões de ser do <i>Praia dos Ossos</i> era contar a história dessa mulher nada feminista, mas cujo assassinato motivou um capítulo importante da história do feminismo brasileiro.	Opinativo	Branca Vianna comenta sobre uma das razões da existência do Praia dos Ossos	Motivação para o podcast
Por isso eu entrevistei mais de sessenta pessoas, por isso a gente	Rotina	Detalhamento dos procedimentos	Procedimentos

fichou dezenas de jornais, em busca de qualquer informação que pudesse recuperar algum detalhe de quem foi a Ângela Diniz, em toda a sua tridimensionalidade, digamos.		jornalísticos realizados no podcast	
E uma das coisas que nos deixaram mais frustradas no decorrer dessa pesquisa foi não encontrar registros da voz da Ângela.	Opinativo	Branca Vianna expõe, juntamente com a equipe, um sentimento de frustração por não conseguir um registro da voz da Ângela	Opinião pessoal Relato pessoal
E uma das coisas que nos deixaram mais frustradas no decorrer dessa pesquisa foi não encontrar registros da voz da Ângela.	Rotina	Branca Vianna expõe, juntamente com a equipe, um sentimento de frustração por não conseguir um registro da voz da Ângela	Procedimentos
A gente perguntou pra vários amigos, que respondiam de um jeito subjetivo demais – claro, não podia ser diferente.	Rotina	Apuração	Entrevista
Não diz muito, né?	Interação com o ouvinte	Questiona o ouvinte	Dúvida compartilhada
É difícil descrever uma voz.	Opinativo	Opinião dela sobre descrição de voz	Opinião pessoal
No quarto episódio, eu contei de quando a gente chegou mais perto disso, ouvindo o áudio distorcido de um depoimento da Ângela a um juiz em Minas.	Interação com o ouvinte	Lembra o ouvinte sobre assunto já tratado no podcast	Referência a episódios anteriores
Depois dessa, a gente tentou se conformar.	Interação com o ouvinte	Branca Vianna conversa com o ouvinte sobre as frustrações da equipe	Referência a episódios anteriores
Mas sabe quando é só você parar de procurar uma coisa que essa coisa aparece?	Interação com o ouvinte	Questiona o ouvinte	Dúvida compartilhada
Quase no final da nossa apuração, a Flora topou com um registro da Ângela que era diferente de tudo que a gente já tinha visto.	Rotina	Flora encontra item para para a produtora ouvir a voz da Ângela Diniz	Procedimentos

A gente conseguiu ver o comercial porque saiu como extra no DVD de um filme do Person, São Paulo S.A.	Rotina	Objeto de apuração	Procedimentos
Vida longa aos extras de DVD, porque o comercial é fantástico.	Opinativo	Branca Vianna demonstra sua satisfação elogiando o DVD, por conseguirem ouvir a voz da Ângela	Opinião pessoal
O nosso velho amigo, o colunista social Giba Um, do episódio 5.	Interação com o ouvinte	Fonte referenciada em episódios anterior	Referência a episódios anteriores
O comercial é dos anos '70, com a Ângela já morando no Rio e curtindo a fama de pantera.	Rotina	Descrição do comercial da Ângela Diniz	Descrição
Ela tá usando um tailleur verde xadrez e brincos grandes, sentada entre um abajur e um relógio antigo na parede, segurando o cartão entre os dedos de uma mão, como quem nada quer.	Rotina	Descrição do comercial da Ângela Diniz	Descrição
No começo do plano, ela olha pro lado, como se estivesse lendo um papel.	Rotina	Descrição do comercial da Ângela Diniz	Descrição
Mas a gente ficou absolutamente obcecada com esse pedacinho de filme.	Opinativo	Branca Vianna demonstra sua alegria ao dizer que ela e a equipe estavam obcecados pela primeira vez poderem ouvir a voz da Ângela Diniz	Relato pessoal
No comercial, ela tá bronzada, tá sorridente, tá linda, tá absolutamente cativante.	Opinativo	Branca Vianna descrevendo com adjetivos sobre como Ângela estava no comercial	Qualificação da personagem
Nesses seis segundos em que ela aparece, dá pra entender perfeitamente por que tanta gente se apaixonava por ela.	Opinativo	Branca Vianna fala porque acha que tantas pessoas gostavam de Ângela	Opinião pessoal
Suco de carisma.	Opinativo	Característica dada por Branca Vianna a Ângela Diniz	Opinião pessoal

Nessa altura, a gente já tava convivendo com esse caso há mais de um ano.	Rotina	Dado de apuração/construção do podcast	Procedimentos
A gente tinha visto tudo quanto era coisa da Ângela.	Rotina	Indica rotina de trabalho da produtora	Procedimentos
Mas isso era diferente.	Opinativo	Branca Vianna demonstra a importância dela e da equipe de terem conseguido um comercial com a voz da Ângela Diniz	Opinião pessoal
Era como se desse pra sentir a pessoa ali.	Opinativo	Branca Vianna demonstra a importância dela e da equipe de terem conseguido um comercial com a voz da Ângela Diniz	Opinião pessoal
E sentir o tamanho da perda	Opinativo	Branca Vianna demonstra a importância dela e da equipe de terem conseguido um comercial com a voz da Ângela Diniz	Opinião pessoal
Dava uma vontade de ter algum tipo de memorial.	Opinativo	Branca Vianna demonstra a importância dela e da equipe de terem conseguido um comercial com a voz da Ângela Diniz	Opinião pessoal
Em algum momento da pesquisa, a gente descobriu que tem pelo menos quatro vias públicas no Brasil com o nome da Ângela Diniz.	Rotina	Dado de apuração	Procedimentos
Quando a gente foi pra lá, depois de andar pela praia, eu, a Flora, e o nosso técnico Caio fomos dar uma volta na rua de trás.	Rotina	Dado de apuração. Branca e equipe vão até Búzios em busca da rua em homenagem a Ângela Diniz	Procedimentos
Essa rua aqui?	Rotina	Branca conversa com Flora enquanto estão em Búzios em busca da rua de Ângela	Procedimentos

É bonitinha.	Opinativo	Branca acha que a rua encontrada de Ângela é bonitinha	Opinião pessoal
Aqui tem placa, não?	Rotina	Branca conversa com Flora enquanto estão em Búzios em busca da rua de Ângela	Procedimentos
Uma pergunta era: quem tinha resolvido homenagear a Ângela com aquela rua?	Interação com o ouvinte	Branca e a equipe do podcast estão em Búzios. Ela questiona quem decide homenagear Ângela com uma rua	Dúvida compartilhada
E quando?	Interação com o ouvinte	Branca e a equipe do podcast estão em Búzios. Ela questiona quem decide homenagear Ângela com uma rua.	Dúvida compartilhada
A Flora e a nossa produtora Claudia Nogarotto perderam um tempinho tentando investigar uma decisão municipal de 2010 que tinha dado o nome.	Rotina	Branca fala a rotina de apuração e pesquisa da equipe	Procedimentos
Acontece que, antes de 2010, oficialmente, nenhuma rua em Búzios tinha nome.	Rotina	Dado de apuração sobre Búzios.	Procedimentos
Era um resquício dos tempos mais rústicos.	Opinativo	Branca caracteriza o fato das ruas de Búzios não terem nome até 2010	Opinião pessoal
A gente ouviu que tava um caos tão grande que os Correios estavam quase desistindo de entregar por lá.	Rotina	Dado de apuração sobre Búzios.	Entrevista
Aí, em 2010, a prefeitura resolveu tentar regularizar tudo de uma vez	Rotina	Dado de apuração sobre Búzios.	Procedimentos
E a rua Ângela Diniz entrou nesse balaio.	Opinativo	Branca fala sobre a “criação” da Rua Ângela Diniz	Uso de linguagem
Só que em 2019, parecia que ainda não tinha placa	Rotina	Branca fala que em 2019 a Rua Ângela Diniz ainda não tinha placa	Procedimentos

A gente queria tirar uma foto, então continuamos andando pela rua.	Rotina	Branca e a equipe estão em Búzios em busca de alguma placa da Rua Ângela Diniz	Procedimentos
Um argentino muito solícito saiu e conversou com a gente.		Branca pergunta ao um argentino (fonte) se aquela é a Rua Ângela Diniz	Entrevista Busca por fonte
A gente não achou registros de nenhuma mobilização popular em torno dessa rua.		Dados de apuração sobre a criação da Rua Ângela Diniz	Procedimentos
Agora tá um pouco mais pública, mas ainda bem discreta.	Opinativo	Opinião da Branca sobre a Rua Ângela Diniz e sua visibilidade.	Opinião pessoal
Pode não ter placa, mas tem outros jeitos de resguardar a memória.	Opinativo	Opinião da Branca sobre a Rua Ângela Diniz e sua visibilidade.	Opinião pessoal
Essa é, de novo, a minha mãe, Branca Moreira Alves, conversando com a Flora.	Rotina	Presença de fonte	Entrevista Descrição da fonte
Tem uma coisa – das muitas, aliás – que eu admiro muito na minha mãe e nas feministas da geração dela.	Opinativo	Opinião da Branca a respeito de sua mãe e feministas da geração da mesma	Relato pessoal
Era desesperador	Opinativo	Opinião da Branca a respeito da violência contra as mulheres em paralelo ao movimento feminista da época	Opinião pessoal
Dava muita raiva.	Opinativo	Opinião da Branca a respeito da violência contra as mulheres em paralelo ao movimento feminista da época	Opinião pessoal
Mas elas conseguiram não se afogar nesses sentimentos.	Opinativo	Opinião da Branca a respeito da violência contra as mulheres em paralelo ao movimento feminista da época	
Elas pegaram a raiva, o luto, tudo isso, e	Opinativo	Opinião da Branca a respeito da violência contra as mulheres em paralelo ao movimento	Opinião pessoal

conseguiram transformar em ação		feminista da época	
Tudo isso que eu achava um saco naquela época, e hoje em dia acho admirável	Opinativo	Opinião da Branca sobre o movimento feminista da época de sua mãe.	Opinião pessoal Relato pessoal
E, incrivelmente, elas também não perdiam o senso de humor.	Opinativo	Opinião da Branca sobre o movimento feminista da época de sua mãe.	Opinião pessoal
Nas marchas do Dia Internacional da Mulher, elas se superavam	Opinativo	Opinião da Branca sobre o movimento feminista da época de sua mãe.	Opinião pessoal
Parecia mais um bloco de carnaval.	Opinativo	Característica que Branca atribuiu sobre o movimento feminista da época de sua mãe.	Opinião pessoal
E na marcha de 1989, a minha mãe saiu com um look extraordinário.	Opinativo	Branca qualifica o look da sua mãe para a marcha das mulheres	Opinião pessoal Relato pessoal
O cavalinho de madeira ela pegou emprestado da minha filha Luiza.	Opinativo	Branca qualifica o look da sua mãe para a marcha das mulheres e diz que ela pegou um cavalinho de sua filha emprestado	Relato pessoal
Acho que é essa mistura que fez com que elas conseguissem levar essa luta por anos a fio.	Opinativo	Opinião da Branca sobre o movimento feminista da época de sua mãe.	Opinião pessoal
Eu não sei se eu sou herdeira da minha mãe.	Opinativo	História de vida da Branca sobre o legado que ela diz não saber se herdou ou não.	Relato pessoal
Mas eu sei que, hoje em dia, todos somos herdeiros do mundo que ela – e tantas outras – ajudaram a construir.	Opinativo	História de vida da Branca.	Opinião pessoal Relato pessoal
E, pra continuar nesse caminho, a gente tem que saber por onde viemos.	Interação com o ouvinte	Branca faz uma conclusão sobre um pouco da sua vida mas também de uma forma em que pergunta/afirma ao	Observação de caráter pessoal

		ouvinte	
Por isso contar a história é tão importante	Opinativo	Branca expõe sobre seu pensamento a cerca de contar história, algo que a motiva pela sua importância.	Motivação para o podcast
Eu sou a Branca Vianna, filha da Branca Moreira Alves, e esse foi o <i>Praia dos Ossos</i> .	Opinativo	Branca encerra o podcast de forma diferente, mesclando com sua identidade pessoal	Relato pessoal
O <i>Praia dos Ossos</i> termina aqui, mas você pode continuar a conversa com a gente: dentro da página da Rádio Novelo no Facebook, tem um grupo pros ouvintes do podcast.	Interação com o ouvinte	Branca convida o ouvinte a continuar acompanhando o Praia em outras plataformas.	Guia de audição
E fica de olho nesse feed.	Interação com o ouvinte	Branca pede para que o ouvinte fique atento a rede social do Praia	Guia de audição